

無政府状態

*O Movimento Anarquista
no Japão, 1906-1996*

John Crump

**Danças das Idéias
2024**

O Movimento Anarquista no Japão, 1906-1996

John Crump

Danças das Ideias
2024



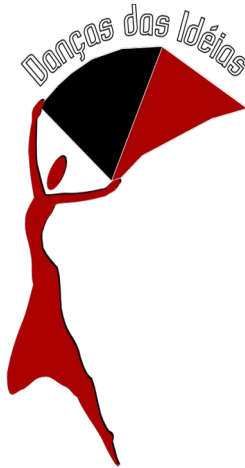
Edição original:

The Anarchist Movement in Japan, 1906–1996

John Crump

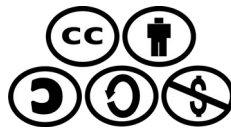
1996

Notes: Anarchist Communist Editions ACE Pamphlet No. 8. Paper edition printed by Pirate Press (Autumn 1996). This Electronic Edition (Summer 1998). Published by the Anarchist Federation www.afed.org.uk



tradução livre por Dança das Idéias
diagramação Barricada Libertária
Campinas/SP-Brasil, 2024

<https://anarkio.net>
e-mail: lobo@riseup.net



O Movimento Anarquista no Japão, 1906-1996

John Crump

Prefácio da ACF	5
Dedicatória do Autor	6
Nota do autor	6
O Movimento Anarquista no Japão	
Capítulo 1	
1906–1911	7
Antecedentes Históricos e Económicos	7
Kôtoku Shûsui e o surgimento do anarquismo japonês	10
Influências "americanas"	13
O retorno de Kôtoku e a organização dos anarquistas no Japão	15
Crescente repressão	19
Capítulo 2	
1912–1936	24
Fim do "Período de Inverno"	25
Anarquismo versus Bolchevismo	29
A morte de Ôsugi e novas tentativas de terrorismo	32
O Ressurgimento do Comunismo Anarquista	34
A divisão	41
A agonia da morte do movimento anarquista pré-guerra	45
Capítulo 3	
1945 até o presente	51
Bibliografia selecionada	59
Notas	60

Prefácio da ACF

A Federação Anarquista Comunista decidiu reimprimir o panfleto de John Crump, *O Movimento Anarquista no Japão* (que é um resumo de seu livro *Hatta Shûzô e o Anarquismo Puro no Japão Entre Guerras*) por uma variedade de razões.

Uma delas é um tributo à luta contínua do movimento libertário no Japão, chamando a atenção dos camaradas de língua inglesa para o que infelizmente é uma parte pouco conhecida da luta global por uma sociedade livre e igualitária. Esperamos que este seja um ponto de partida para uma maior compreensão de uma valiosa tradição de comunismo antiautoritário e possa levar a uma maior cooperação com os anarquistas japoneses hoje, no caminho para um movimento anarquista verdadeiramente mundial.

Além de ser um exemplo inspirador de luta contra um poderoso estado autoritário, esta história do anarquismo japonês também é de grande valor por fornecer um exemplo do desenvolvimento da teoria anarquista. Os argumentos claros e convincentes contra o reformismo dos sindicatos e da social-democracia ainda são relevantes hoje, assim como a crítica ao bolchevismo, revelando a sua natureza hierárquica inerente, em contradição com as afirmações frequentemente repetidas dos trotskistas de que apenas degenerou sob Stalin. Serve também como uma lição histórica sobre a futilidade de recorrer ao terrorismo quando confrontado com a repressão estatal e sobre o perigo de tendências anti-organizacionais.

Ainda mais importante para os anarquistas hoje é o registro do debate entre os anarcossindicalistas e os anarco-comunistas no movimento. Embora nós, na ACF, tenhamos críticas sobre algumas das posições assumidas pelos anarco-comunistas no Japão em diferentes períodos, tais como a formação de um partido, o trabalho dentro da estrutura sindical, o estabelecimento de uma distinção entre luta de classes e insurreição, bem como a sua visão de como a futura sociedade anarquista será organizada, pensamos que a rejeição do

sindicalismo como estratégia para a revolução social é correta, particularmente pela razão de que só pode duplicar a estrutura econômica do capitalismo.

Não pretendemos oferecer neste breve prefácio uma análise aprofundada destas ou de muitas outras questões importantes levantadas pelo movimento japonês. O panfleto fala por si, e como é frequentemente o caso com a literatura anarquista atual, o seu sucesso será julgado pela sua influência na atividade prática dos militantes da classe trabalhadora hoje.

Federação Anarquista Comunista, verão de 1996

Dedicatória do Autor

Este panfleto é dedicado a Ôshima Eizaburô, cuja paixão inabalável pelo comunismo anarquista, apesar da idade avançada, é uma inspiração para muitos camaradas mais jovens.

Não só isso, mas quantos conseguem animar uma conversa franca com a observação casual: "Quando eu detonei uma bomba de fumaça no palácio imperial..."? Ôshima-san pode.

Nota do autor

Os nomes japoneses são dados na forma habitual do Leste Asiático, ou seja, nome de família (por exemplo, Kôtoku) seguido do nome pessoal (por exemplo, Shûsui). Vogais longas em palavras japonesas são indicadas por acentos (por exemplo, ô).

O Movimento Anarquista no Japão

Capítulo 1

1906–1911

Anarquistas no Japão! Para muitos, a própria ideia é surpreendente. A imagem popular do Japão é a de uma sociedade hierárquica e regulamentada, enquanto os japoneses são amplamente considerados como servidores inabalavelmente leais da empresa e do Estado. Mesmo dentro do Japão há muitos japoneses que desconhecem a existência do movimento anarquista, dos mártires que morreram pela causa e da luta sustentada que tem sido travada contra o estado capitalista e a desumanidade que tem perpetrado ao longo dos anos.

Não faz muito tempo, uma jovem japonesa que por acaso estava estudando em uma universidade americana escreveu-me pedindo informações sobre o movimento anarquista no Japão depois de ler um dos meus artigos no Boletim de Pesquisa Anarquista. O fato de ela ter descoberto o movimento anarquista apenas depois de deixar o Japão é uma boa ilustração da medida em que a existência do anarquismo japonês foi omitida do registro histórico patrocinado oficialmente, filtrada do currículo educativo e ignorada pelos meios de comunicação de massa.

Antecedentes Históricos e Econômicos

É claro que existe um elemento de verdade (embora unilateral) na imagem popular do Japão e dos japoneses. Isto tem muito a ver com a forma como o Japão se modernizou nos anos de grande convulsão social que se seguiu a 1868. Em 1868, o poder caiu nas mãos de um círculo estreito de jovens samurais que estavam determinados a fazer do Japão um país rico e militarmente forte. Para conseguir isso, pretendiam criar um Estado altamente

centralizado, uma economia industrializada e um império ultramarino que compensasse a falta de matérias-primas do Japão. Estes eram objetivos ambiciosos para aquele que naquela fase ainda era um país pequeno, fraco e atrasado, no limite da civilização mundial. Para concretizar estas ambições, o povo japonês teve de ser arrastado para a conformidade, em parte persuadido e em parte ameaçado a colocar os interesses do Estado acima dos seus próprios, e alimentado com uma ideologia de orgulho nacional e de serviço ao Imperador.

Durante muitos anos depois de 1868, a maior parte da população permaneceu camponesa, trabalhando na terra. A agricultura era a base da economia, uma vez que as indústrias só podiam ser estabelecidas extraindo a riqueza dos camponeses e canalizando-a para as fábricas, estaleiros e minas que foram criadas com o incentivo do Estado. Para conseguir esta transferência de riqueza do sector agrícola da economia para as indústrias em desenvolvimento, foi imposto um pesado imposto sobre a terra.

Um dos efeitos disto foi que muitos camponeses que não podiam pagar os seus impostos foram forçados a vender as suas terras e a tornarem-se arrendatários. De uma sociedade composta principalmente por famílias camponesas envolvidas na agricultura intensiva de pequenas parcelas de terra de sua propriedade, o Japão transformou-se numa sociedade onde a maior parte da terra era trabalhada por arrendatários que entregavam normalmente metade das suas colheitas sob a forma de renda a muitas vezes proprietários ausentes. À medida que as condições da população agrícola se deterioravam desta forma, alguns cortaram as suas ligações com a terra, migraram para as cidades e procuraram trabalho nas crescentes empresas industriais e comerciais.

Foi entre esta classe trabalhadora emergente que foram feitas as primeiras tentativas, no final do século XIX, de organizar sindicatos, mas o Estado reagiu rapidamente introduzindo em 1900 uma "lei de polícia de paz

pública" que proibiu efetivamente todas as organizações de trabalhadores e, desnecessariamente, dizer, greves.

Os camponeses não foram apenas durante muitos anos a espinha dorsal da economia; eles também foram o esteio do considerável exército conscrito que o novo estado rapidamente estabeleceu. Os anos de formação do camponês médio ou do rapaz da classe trabalhadora foram passados sendo moldados e disciplinados, primeiro na escola primária e mais tarde no exército. O pronunciamento do Imperador de 30 de Outubro de 1890, conhecido como Rescrito Imperial sobre a Educação, transmite bem as crenças que as autoridades tentaram implantar nas mentes dos jovens. Lê-se em parte:

Respeite sempre a Constituição e observe as leis; caso surja uma emergência, ofereçam-se corajosamente ao Estado; e assim guardar e manter a prosperidade de Nosso Trono Imperial, contemporâneo do céu e da terra. Assim, não apenas sereis Nossos súditos bons e fieis, mas também tornareis ilustres as melhores tradições de vossos antepassados.[1]

As raparigas camponesas e da classe trabalhadora escaparam a alguma dessa lavagem cerebral organizada, em parte porque eram mais propensas do que os seus irmãos a serem mantidas fora da escola para ajudarem em casa, mesmo durante os poucos anos de escolaridade obrigatória. No entanto, o peso das convenções também pesava sobre as mulheres jovens, pois eram instadas a tornarem-se "uma boa esposa e uma mãe sábia" e aprendiam desde cedo que o destino de uma mulher é obedecer aos três homens da sua vida - o seu pai na juventude, o marido na flor da idade e o filho mais velho na velhice.

Não é de surpreender que, embora os líderes estatais tenham conseguido alcançar a maioria dos seus objetivos de transformar o Japão num país mais rico e poderoso, e embora a maioria dos homens e mulheres japoneses se conformassem com os papéis que lhes foram prescritos, alguns indivíduos corajosos resistiram à tendência de os tempos. Além disso, só porque o Japão

era uma sociedade altamente conformista, a reação contra a conformidade foi ainda mais intensa quando ocorreu, uma vez que as exigências do Estado por obediência e lealdade absolutas deixavam pouco espaço para compromissos, meias-medidas liberais ou a rota de fuga de excentricidade. As principais estruturas do Estado japonês moderno foram estabelecidas no final do século XIX e os opositores do regime inclinaram-se inicialmente a abraçar ideologias ocidentais como o cristianismo e a social-democracia, na crença de que estas ofereciam modelos alternativos e mais humanos para a modernização. O que expôs as inadequações do cristianismo e da social-democracia foi a primeira grande guerra do Japão no século XX, a Guerra Russo-Japonesa de 1904-5. Apesar da sua natureza inequivocamente imperialista, muitos cristãos japoneses estavam preparados para apoiar esta guerra como um meio de cair nas boas graças do Estado, enquanto muitos social-democratas em todo o mundo eram a favor de uma vitória japonesa, alegando que isso precipitaria a revolução na Rússia. Aqueles que estavam determinados a resistir tanto ao Estado como à guerra voltaram-se para outro lado em busca de inspiração política – e, ao fazê-lo, lançaram as bases do movimento anarquista japonês.

Kôtoku Shûsui e o surgimento do anarquismo japonês

Kôtoku Shûsui desempenhou um papel importante na introdução do anarquismo no Japão.[2] Ele nasceu em 1871 na cidade provincial de Nakamura, na província de Kôchi, cerca de 700 quilômetros a oeste de Tôkyô, em linha reta. Ainda hoje, se você visitar Nakamura, descobrirá que seu túmulo está bem cuidado e há amplas evidências de que ainda é um lugar que as pessoas visitam para reconhecer suas dívidas intelectuais e políticas para com Kôtoku. Depois de se mudar para Tóquio em meados da adolescência, Kôtoku tornou-se jornalista em 1893 e, a partir de 1898, foi colunista popular do jornal diário mais radical do período, o Every Morning News (Yorozu Chôhō). Politicamente, Kôtoku passou do liberalismo que inicialmente o atraiu

para a social-democracia e fez parte de um pequeno grupo que tentou organizar um Partido Social Democrata em Tôkyô em maio de 1901, apenas para vê-lo imediatamente banido pelo governo.

Kôtoku era um homem de considerável integridade e coragem, que se manteve fiel aos seus princípios, por mais dolorosas ou perigosas que fossem as consequências. À medida que a guerra com a Rússia se aproximava, o jornal liberal e anteriormente anti-guerra Every Morning News alinhou-se com a opinião orquestrada pelo governo e tornou-se cada vez mais beligerante. Kôtoku recusou-se a seguir a nova linha do jornal e, em vez disso, optou por renunciar ao emprego que até agora lhe proporcionava uma renda estável e uma "voz" na sociedade respeitável. Juntamente com outro jornalista do Every Morning News, chamado Sakai Toshihiko, ele deu agora o passo arriscado de lançar um jornal abertamente anti-guerra numa época de militarismo cada vez mais histérico. Este foi o semanário Common People's Newspaper (Heimin Shinbun), cuja primeira edição apareceu em novembro de 1903 e que lutou bravamente contra o governo belicista até ser forçado a deixar de existir em janeiro de 1905. Ao longo de sua breve existência, o Common People's Newspaper Os editores e jornalistas de jornais foram repetidamente processados, multados e presos por infrações às sufocantes leis de imprensa e, em fevereiro de 1905, Kôtoku começou a cumprir uma pena de cinco meses de prisão por um desses delitos.

O Common People's Newspaper não era um jornal anarquista. A sua razão de ser era a oposição à guerra e, na medida em que os seus apoiantes tinham quaisquer outras opiniões políticas comuns, estas eram em grande parte social-democratas. Este foi, claro, um período em que, de longe, o partido social-democrata mais influente do mundo era o SPD alemão. Ser "marxista" nesta época anterior à Revolução Russa significava não ser leninista, mas partilhar a perspectiva política de Kautsky, Bernstein e dos outros líderes do SPD. Quando Kôtoku e outros tentaram fundar o Partido Social Democrata Japonês (Shakai Minshutô) em 1901, eles optaram por um programa de

reformas políticas semelhante ao do SPD e influências semelhantes agiram sobre Kôtoku e Sakai quando traduziram conjuntamente o livro de Marx e Engels. Manifesto Comunista e publicou-o no Common People's Newspaper em novembro de 1904. Esta foi a primeira tradução para o japonês do Manifesto Comunista e não apenas a edição do Common People's Newspaper que o publicou foi proibida de venda, mas Kôtoku e Sakai foram fortemente finalizado.

Depois que Kôtoku emergiu em julho de 1905 dos cinco meses que passou na prisão, ele afirmou que "tinha ido [para a prisão] como um socialista marxista e voltou como um anarquista radical". Na verdade, a mudança nas suas opiniões políticas foi menos clara do que isto sugere, mas não pode haver dúvida de que as suas ideias estavam a mover-se numa direção anarquista. Enquanto estava na prisão, Kôtoku leu Campos, Fábricas e Oficinas de Kropotkin e também pensou muito sobre a posição do Imperador na sociedade japonesa. Tal como o SPD alemão, os social-democratas japoneses mantiveram em grande parte silêncio sobre a instituição imperial. Na pior das hipóteses, isto acontecia porque alguns deles consideravam a social-democracia puramente como uma questão de instalação de um novo governo, mas deixando inalteradas as bases da sociedade japonesa (da família imperial ao sistema salarial). Na melhor das hipóteses, os social-democratas mais radicais consideram que é sensato simplesmente ignorar o Imperador e deixar a resolução deste problema para o futuro. No entanto, Kôtoku estava a tornar-se cada vez mais consciente de até que ponto o Imperador era o eixo tanto da ideologia como da máquina do Estado, que juntos mantinham a existência do capitalismo no Japão.

Com esta consciência crescente de que o capitalismo e o Estado só poderiam acabar no Japão se a instituição do Imperador também fosse abolida, Kôtoku decidiu, após a sua libertação da prisão, afastar-se do Japão por um tempo para que pudesse "criticar livremente a posição de 'Sua Majestade' e as instituições políticas e econômicas de uma terra estrangeira onde a mão

perniciosa de 'Sua Majestade' não pode alcançar.“[4] Foi com esse estado de espírito que Kôtoku deixou o Japão em novembro de 1905 para passar seis meses em os EUA. Como material de leitura para a longa viagem marítima, ele levou consigo as Memórias de um Revolucionário, de Kropotkin.

Influências "americanas"

Kôtoku permaneceu nos EUA (principalmente na Califórnia) até junho de 1906 e absorveu muitas influências que se revelaram cruciais não só para ele, mas para o anarquismo japonês como um todo. Em primeiro lugar, estava o comunismo anarquista defendido por Kropotkin e outros. Kôtoku começou a corresponder-se com Kropotkin durante o seu tempo nos EUA, mas também foi exposto a ideias anarquista-comunistas de muitos outros quadrantes enquanto interagiu com numerosos ativistas políticos na Califórnia que defendiam tais opiniões nos primeiros anos deste século. A influência anarco-comunista que atua sobre Kôtoku (e através dele sobre o movimento no Japão) é melhor simbolizada pelo que muitos consideram a maior obra de Kropotkin, A Conquista do Pão. Kôtoku adquiriu um exemplar deste livro traduzido para o inglês enquanto estava nos EUA e começou a traduzi-lo quando retornou ao Japão. Por fim, uma edição clandestina de mil exemplares foi publicada em março de 1909 e amplamente distribuída entre estudantes e trabalhadores.

A segunda influência importante foi o sindicalismo, em parte na forma dos recém-formados Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW), que foram organizados em Chicago em junho de 1905, e em parte como panfletos e artigos sobre o movimento sindicalista europeu, que estavam prontamente disponíveis na Califórnia. Sabemos que pouco depois de Kôtoku chegar a São Francisco, três membros do IWW o visitaram e o convidaram para falar em uma de suas reuniões.[5] Quanto ao sindicalismo europeu, o panfleto do anarquista alemão Siegfried Nacht, The Social General Strike, foi publicado em inglês sob o pseudônimo de "Arnold Roller" em Chicago, em junho de

1905, para coincidir com a conferência de fundação da IWW. Novamente, Kôtoku obteve uma cópia deste panfleto e o traduziu para o japonês após retornar dos EUA. Em 1907, foi publicado clandestinamente, recorrendo ao estratagema de lhe atribuir o título inócuo de O Futuro da Organização Económica, de modo a despistar as autoridades. Mais uma vez, alcançou distribuição nacional entre os militantes políticos.

A terceira grande influência foi o terrorismo político, que atingiu Kôtoku e outros menos por fontes anarquistas do que por meio do exemplo dado pelo Partido Social Revolucionário Russo (os SRs), cuja "organização de combate" realizou numerosos assassinatos de funcionários czaristas. As façanhas dos social-revolucionários eram amplamente conhecidas até nos EUA e muito admiradas pelos ativistas políticos com quem Kôtoku entrou em contacto na Califórnia. Pouco antes de Kôtoku retornar ao Japão, mais de 50 imigrantes japoneses (dos mais de 70.000 que se estabeleceram na costa oeste) reuniram-se em Oakland, na Califórnia, em 1º de junho de 1906, para fundar um Partido Social Revolucionário (Shakai Kakumeitô em japonês).

Este Partido Social Revolucionário não dispunha de recursos para sustentar a atividade organizada durante muito tempo, mas durante 1906-1907 publicou vários números de um jornal chamado Revolution (Kakumei), cujo conteúdo era revelador. Revolution declarou que "o reformismo e a política parlamentar" eram "como tentar combater um incêndio violento com a pistola de água de uma criança". Como alternativa, acreditava que o único meio eficaz de revolução era a violência armada:

O único meio é a bomba. O meio pelo qual a revolução também pode ser financiada é a bomba. O meio para destruir a classe burguesa é a bomba.[6]

Revolution também descreveu o Imperador Japonês como "uma ferramenta controlada pela atual classe dominante com o propósito de escravizar as massas".[7] No aniversário do Imperador, a 3 de Novembro de

1907, alguns dos associados do Partido Social Revolucionário publicaram nos EUA um panfleto intitulado "Terrorismo" (Ansatsushugi) que ameaçava um ataque armado ao Imperador. Dirigindo-se ao Imperador pelo seu nome pessoal de Mutsuhito, o folheto terminava com as palavras:

Mutsuhito, pobre Mutsuhito! Sua vida está quase no fim. As bombas estão ao seu redor e prestes a explodir. É um adeus para você.[8]

A notícia da distribuição deste folheto nos EUA foi transmitida ao Japão e criou sensação nos círculos dominantes. Os funcionários indignados mal podiam acreditar que algum japonês ousasse dirigir-se ao imperador supostamente sagrado dessa forma e juraram vingança sempre que a oportunidade se apresentasse. Cerca de três anos depois, eles teriam sua chance.

O retorno de Kôtoku e a organização dos anarquistas no Japão

Assim que Kôtoku regressou dos EUA, foi organizada uma grande reunião pública em Tôkyô para o receber de volta e para lhe dar a oportunidade de relatar como as suas ideias se desenvolveram enquanto esteve na América. Nesta reunião, realizada em 28 de junho de 1906, Kôtoku falou sobre "A Maré do Movimento Revolucionário Mundial", que ele afirmou estar fluindo contra o parlamentarismo e em direção à greve geral como "o meio para a futura revolução". Seguiu o seu discurso com numerosos artigos na imprensa revolucionária, todos os quais repudiavam o parlamentarismo social-democrata e defendiam a ação direta. O mais conhecido desses artigos foi "A mudança em meu pensamento (sobre o sufrágio universal)", publicado em 5 de fevereiro de 1907. Alguns trechos deste longo artigo transmitiram até que ponto a perspectiva política de Kôtoku se alterou:

Quero fazer uma confissão honesta. A minha opinião sobre os métodos e políticas a adotar pelo movimento socialista começou a mudar um pouco desde que fui para a prisão, há alguns anos. Depois, durante as minhas viagens no ano passado, elas mudaram drasticamente. Se me lembro de como era há alguns anos, tenho a sensação de que agora sou quase uma pessoa diferente.

...Se eu fosse resumir o que penso agora, seria no seguinte sentido: "Uma verdadeira revolução social não pode ser alcançada através do sufrágio universal e de uma política parlamentar. Não há outra forma de alcançar o nosso objectivo de socialismo senão através da ação direta dos trabalhadores, unidos como um só."

...Anteriormente eu ouvia apenas as teorias dos socialistas alemães e daqueles da mesma corrente e colocava demasiada ênfase na eficácia dos votos e do parlamento. Eu costumava pensar: "Se o sufrágio universal for alcançado, então certamente a maioria dos nossos camaradas será eleita. E se a maioria dos assentos no parlamento forem ocupados pelos nossos camaradas, então o socialismo pode ser posto em prática através de uma resolução parlamentar." É verdade, claro, que reconhecí ao mesmo tempo a necessidade urgente da solidariedade dos trabalhadores, mas ainda assim acreditei que pelo menos a primeira prioridade para o movimento social no Japão era o sufrágio universal. Meus discursos e artigos estavam repletos disso, mas agora penso nisso como uma ideia extremamente infantil e ingênua.

...O que a classe trabalhadora precisa não é da conquista do poder político – é da "conquista do pão". Não são leis – mas comida e roupas. Daí resulta que o parlamento quase não tem utilidade para a classe trabalhadora. Suponhamos que chegássemos ao ponto de depositarmos a nossa fé e confiança simplesmente em coisas como a introdução de um parágrafo numa lei parlamentar aqui ou a revisão de várias cláusulas de um ou outro projeto de lei ali. Nesse caso, poderíamos realizar os nossos objetivos simplesmente depositando a nossa confiança nos defensores da reforma social e nos socialistas de Estado. Mas se, em vez disso, o que queremos é realizar uma verdadeira revolução social e melhorar e manter os verdadeiros padrões de vida da classe trabalhadora, devemos concentrar todos os nossos esforços não no poder parlamentar, mas no desenvolvimento da solidariedade dos trabalhadores. E os próprios trabalhadores também devem estar prontos para não confiar em criaturas como os deputados e os políticos burgueses, mas para alcançar os seus objetivos

através do seu próprio poder e da sua própria ação direta. Repetindo: a última coisa que os trabalhadores deveriam fazer é confiar nos votos e nos deputados.

...Espero que a partir de agora o nosso movimento socialista no Japão abandone o seu compromisso com uma política parlamentar e adote como método e política a ação direta dos trabalhadores unidos como um só.[10]

As novas ideias de Kôtoku surpreenderam seus camaradas. A maioria estava habituada a aceitar a garantia do SPD de que a sua doutrina representava as forças da razão, do progresso e da boa ordem dentro da sociedade, ao passo que tinham sido ensinados pela mesma fonte que o anarquismo era uma reação primitiva e caótica à repressão política, que nada tinha em comum com o "socialismo científico". No entanto, aqui estava o socialista mais conhecido e intelectualmente mais talentoso da sua época, desafiando os ensinamentos do SPD e defendendo de forma coerente e persuasiva o anarquismo. Alguns dos social-democratas japoneses resistiram à nova linha de pensamento. Por exemplo, em Setembro de 1907, Katayama Sen, que foi pioneiro das ideias social-democratas e trabalhistas no Japão e que nos anos posteriores se tornou um dos braços direito de Stalin no Comintern (há uma placa em sua homenagem no muro do Kremlin em Moscovo). , rejeitou desdenhosamente o anarquismo de Kôtoku da seguinte forma:

O movimento socialista do Japão está um tanto paralisado e prejudicado por causa das visões anarquistas sustentadas por alguns que professam ser...socialistas e mantêm alguma influência entre os seus camaradas. Aqueles que passaram para o Anarquismo opõem-se às táticas legislativas e parlamentares e ao movimento político, e pregam a chamada ação direta ou uma greve geral revolucionária ou destrutiva. Lamentamos que alguns dos nossos melhores camaradas tenham mudado para as opiniões acima e não vão mais conosco...[11]

Katayama estava certo num aspecto – que muitas vezes eram os social-democratas mais capazes que responderam positivamente ao desafio de Kôtoku às suas opiniões anteriormente defendidas. Para muitos socialistas mais jovens, o apelo de Kôtoku ao anarquismo veio como uma lufada de ar fresco e ele logo reuniu ao seu redor um impressionante corpo de apoio. Ôsugi Sakae, Arahata Kanson, Yamakawa Hitoshi e muitos outros desempenharam papéis importantes nesta época na popularização de ideias de auto-libertação e ação direta, embora em anos posteriores alguns como Arahata e Yamakawa tenham sucumbido à promessa ilusória do bolchevismo.

Enquanto Kôtoku estava nos EUA, foi feita uma segunda tentativa de formar um partido social-democrata. Conhecido desta vez como Partido Socialista do Japão (Nippon Shakaitô), foi fundado em fevereiro de 1906 e foi inicialmente tolerado pelas autoridades, principalmente porque cortejava a respeitabilidade e se comprometia a “defender o socialismo dentro dos limites da lei do país”. [12] Um desenvolvimento relacionado que ocorreu foi que em janeiro de 1907 o Jornal do Povo Comum (Heimin Shinbun) foi relançado, desta vez como um diário. Embora o Partido Socialista do Japão fosse uma organização pequena, com apenas cerca de 200 membros, Kôtoku descreveu-o corretamente em dezembro de 1906 como um amálgama de muitos elementos diferentes:

Social-democratas, Social-Revolucionários e até Socialistas Cristãos... A maioria dos nossos camaradas estão inclinados a adotar as táticas do Parlamentarismo em vez do Sindicalismo ou do Anarquismo. Mas não é porque eles estejam seguramente convencidos do que é verdade, mas por causa da sua ignorância do Comunismo Anarquista. Portanto, nosso trabalho mais importante atualmente é a tradução e publicação de literatura anarquista e de pensamento livre.[13]

As questões levantadas pela nova postura de Kôtoku foram exaustivamente debatidas em uma conferência do Partido Socialista do Japão

que foi realizada em Tôkyô em 17 de fevereiro de 1907. Muitas das opiniões ali apresentadas representavam uma ruptura clara com a social-democracia e os delegados apoiaram um apelo à greve fora do partido rege o compromisso de operar “dentro dos limites da lei do país”. Isto não só levou o governo a proibir o Partido Socialista do Japão em 22 de Fevereiro de 1907, mas as tensas relações entre social-democratas e anarquistas rapidamente atingiram o ponto de uma ruptura total.

Quando o jornal diário Common People's Newspaper fechou em abril de 1907, devido aos efeitos combinados de dificuldades financeiras e perseguição governamental, foi substituído em junho de 1907 por dois jornais separados - o semanário Social News (Shakai Shinbun), que estava sob o controle do social-democratas e o jornal bimestral Ôsaka Common People's Newspaper (Ôsaka Heimin Shinbun), que defendeu fortemente a ação direta. Este desenvolvimento representou a divisão definitiva entre social-democratas e anarquistas no Japão. A partir deste momento, o anarquismo permaneceu uma corrente distinta e organizada separadamente, que se opõe tanto à social-democracia (e mais tarde ao bolchevismo) como ao capitalismo convencional. [14]

Crescente repressão

Foi mencionado anteriormente que as ideias anarquistas que Kôtoku trouxe dos EUA eram uma mistura de comunismo anarquista, sindicalismo e terrorismo. O próprio Kôtoku foi antes de tudo um anarquista comunista (um "Kropotkinista", se quisermos usar o termo). As condições no Japão fizeram com que o comunismo anarquista parecesse altamente relevante e atraente. Tal como a Rússia que inspirou a visão de Kropotkin de uma sociedade baseada na propriedade comum, na federação libertária e na ajuda mútua, o Japão também era uma sociedade em grande parte agrária. As suas aldeias agrícolas pareciam prontas para serem convertidas em comunas anarquistas, especialmente porque

as práticas associadas à produção de arroz tinham dado origem a uma cooperação e solidariedade profundamente enraizadas entre os agricultores. Muitos anarquistas além de Kôtoku ficaram entusiasmados com a visão anarco-comunista e se lançaram no esforço de popularizar esta visão de como a sociedade poderia ser organizada. Um exemplo entre muitos foi Akaba Hajime, que em 1910 escreveu o panfleto *The Farmers' Gospel* (Nômin no Fukuin). Aqui Akaba preencheu habilmente a lacuna entre a comunidade aldeã do passado, que os efeitos corrosivos do mercado estavam minando, e a comuna revolucionária do futuro antecipado. Ele escreveu:

Devemos enviar os ladrões de terras [ou seja, os latifundiários] para a guilhotina revolucionária e regressar à "comunidade aldeã" de há muito tempo, da qual gozavam os nossos antepassados remotos. Devemos construir o paraíso livre do "comunismo anarquista", que dará corpo à comunidade aldeã com o conhecimento científico mais avançado e com a elevada moralidade da ajuda mútua.[15]

Os métodos políticos empregados pelos anarco-comunistas foram, em geral, a difusão das suas ideias por meio de propaganda escrita e oral. Na tentativa de espalhar a notícia, porém, eles se depararam com a intensa repressão imposta pelo Estado. Após a dissolução forçada do Partido Socialista do Japão em 1907, as reuniões públicas foram rotineiramente interrompidas, a distribuição de publicações foi proibida e os anarquistas foram sujeitos a muitos tipos de perseguição diária, desde a violência policial até ao despedimento do trabalho e à perseguição por detetives. O que aconteceu com Akaba é um exemplo disso. Após a publicação de *The Farmers' Gospel*, ele foi forçado a passar à clandestinidade por causa das críticas do mesmo panfleto ao Imperador, acabou sendo preso pela polícia e morreu na prisão de Chiba em 1º de março de 1912, após um período de greve de fome.

O sindicalismo era atraente para muitos anarquistas porque parecia estar em sintonia tanto com a rápida expansão da indústria, que estava em curso no

Japão na época, como com a acentuada combatividade de setores da classe trabalhadora, como os mineiros. Havia uma crença entre os anarquistas de inclinação sindicalista de que, por mais que muitos trunfos estivessem nas mãos do Estado e dos patrões, eles ainda tinham o seu calcanhar de Aquiles. A linha de raciocínio em ação aqui era que o Estado capitalista precisava de se industrializar para realizar as suas ambições econômicas e militares, mas que, uma vez que a indústria dependia da classe trabalhadora, quanto mais forte o Japão se tornasse industrialmente, mais vulnerável se tornaria a uma greve geral levada a cabo por trabalhadores determinados e bem organizados. Esta linha de pensamento ganhou ainda mais plausibilidade pela frequência com que os trabalhadores explorados respondiam à arrogância dos patrões com greves, algumas das quais atingiam proporções insurrecionais. O caso mais famoso neste período de greve que se transformou em violência contra a empresa e confronto armado com os militares foi a disputa na mina de cobre de Ashio em fevereiro de 1907. Depois que os mineiros de Ashio entraram em greve, cortaram o fornecimento de eletricidade, explodiram e incendiaram prédios da empresa, deram uma surra severa no gerente-chefe com o cabo da picareta, atacaram uma delegacia de polícia próxima e, por fim, lutaram contra três companhias de infantaria que foram enviadas à ação contra eles. Embora a disputa de Ashio fosse o exemplo mais conhecido de ataque insurrecional da época, estava longe de ser o único. Nos meses que se seguiram, uma série de conflitos noutras minas transformou-se em violência, e os ataques a funcionários da empresa e a destruição de propriedades da empresa não eram de forma alguma desconhecidos noutras indústrias.[16]

Embora os anarquistas obviamente tenham saudado os sinais de que os trabalhadores estavam preparados para lutar para melhorar as suas condições, a situação nunca deu quaisquer sinais, nesta fase, de ir além do ponto em que o Estado pudesse controlá-la. Enquanto as disputas laborais ocorressem uma a uma, o Estado poderia concentrar os seus recursos primeiro aqui e depois ali, a fim de quebrar a resistência de grupos isolados de trabalhadores. O que a

situação exigia, como ensinava a teoria sindicalista, era uma federação de sindicatos industriais que pudesse coordenar ações desarticuladas, superar a fraqueza provocada pelo isolamento e elevar a luta ao nível de uma greve geral. Contudo, isto revelou-se impossível de conseguir neste período devido às disposições da já mencionada “lei de polícia de paz pública”.

Talvez porque o Estado capitalista estivesse consciente do facto de ser mais vulnerável na frente econômica do que na frente política, foi ainda mais draconiano na sua forma de lidar com as organizações laborais do que com os grupos e jornais socialistas. Mesmo os sindicatos mais brandos não eram tolerados, de modo que qualquer um que tentasse formar-se era imediatamente expulso da existência.

Com as rotas anarco-comunistas e anarcossindicalistas assim efetivamente bloqueadas, não foi surpreendente que alguns anarquistas se tivessem voltado para o terrorismo, a terceira das principais influências que atuam sobre o movimento anarquista japonês. No entanto, mesmo quando, por volta de 1908, alguns anarquistas começaram a brincar com a ideia de enfrentar a violência do Estado com a sua própria violência, esperando assim desencadear uma revolta popular mais ampla, os seus planos nunca foram além da fase de experiências com explosivos.

Como uma fração do movimento anarquista como um todo, um punhado deles estava envolvido. Além disso, numa sociedade altamente repressiva como o Japão, onde todos os dissidentes conhecidos eram mantidos sob estreita vigilância, demorou um tempo considerável para adquirir as informações e os materiais necessários. Quando quatro anarquistas foram presos em 25 de maio de 1910, após a polícia ter descoberto um esconderijo de equipamento para fazer bombas, ainda não tinha sido realizado um único ataque contra qualquer alvo. O máximo que foi alcançado foi a detonação bem-sucedida de uma bomba experimental nas montanhas. No entanto, aqui estava a oportunidade que as autoridades esperavam desde o folheto "Terrorismo" de 1907. Centenas de suspeitos foram detidos e foi fabricado um

caso de que 26 deles estavam envolvidos numa conspiração para assassinar o Imperador.[17]

Quando o julgamento foi realizado em Dezembro de 1910, foi fechado ao público e a forma como o Estado lidou com toda a investigação indicou que não iria permitir que as sutilezas legais interferissem na sua determinação de paralisar o movimento anarquista. A única coisa que impediu as autoridades de envolver números ainda maiores no caso foi que vários anarquistas proeminentes, como Ôsugi Sakae, já estavam a cumprir penas de prisão por outros crimes e dificilmente poderiam ser implicados na conspiração que supostamente teria ocorrido enquanto eles estavam atrás das grades. Previsivelmente, todos os 26 réus foram considerados culpados e todos, exceto dois, foram condenados à morte. Embora doze dos que aguardavam execução tenham posteriormente tido suas sentenças comutadas para prisão perpétua, os doze restantes que o estado estava determinado a enforcar incluíam Kôtoku Shûsui. No momento da execução de Kôtoku, em 24 de janeiro de 1911, o movimento anarquista japonês já estava reduzido a um estado de quase hibernação no que ficou conhecido como o seu "período de inverno". O estado estava determinado a fechar todos os jornais, proibir todas as reuniões e tornar a vida intolerável para os anarquistas que tentassem sustentar qualquer forma de atividade. Para muitos não havia outra alternativa senão retirar-se para o campo, conseguir algum tipo de subsistência da terra e aguardar enquanto esperavam nos próximos anos por uma mudança de circunstâncias. Outros foram para o exílio. Ishikawa Sanshirô, que tinha sido repetidamente preso por delitos ao abrigo das leis de imprensa, trocou o Japão pela Europa em 1913 e só regressou em 1920. Contudo, o importante é que as ideias não morreram. Nem a chama foi extinta. O movimento de alguma forma sobreviveu aos longos anos de obliteração quase total que agora se seguiram, de modo que quando uma mudança nas condições após a Primeira Guerra Mundial forçou o Estado a relaxar ligeiramente o seu domínio, o anarquismo ressurgiu mais forte do que nunca.

Capítulo 2

1912–1936

Ao longo dos anos 1912-36, o comunismo anarquista, o sindicalismo e o terrorismo permaneceram tendências identificáveis dentro do anarquismo japonês. Durante a primeira metade deste período, foi o sindicalismo que predominou intelectualmente, enquanto na segunda metade o pêndulo oscilou em direção ao comunismo anarquista. Comparado com estas duas principais influências teóricas, o terrorismo nunca foi mais do que uma subcorrente menor no movimento anarquista, mas, embora aqueles inclinados à luta armada fossem sempre uma pequena minoria, a incessante repressão estatal garantiu que houvesse invariavelmente alguns anarquistas cuja raiva e frustração transbordou em tentativas de retribuir em espécie aos seus opressores.

Há uma série de razões pelas quais o sindicalismo deveria ter predominado inicialmente. Durante o "período de inverno", que durou até 1918, os anarquistas estavam conscientes de que estavam praticamente indefesos face a um estado particularmente cruel que tinha uma força esmagadora à sua disposição e não pararia nem mesmo no assassinato legalmente sancionado para suprimir o anarquismo. Embora a organização de sindicatos ainda fosse proibida, pelo menos como proposta teórica, a ideia de que um movimento sindical de massas poderia fornecer um baluarte contra o poder do Estado tinha forte apelo. Em segundo lugar, com a morte de Kôtoku, Ôsugi Sakae ficou como o pensador mais talentoso e o escritor mais produtivo nas fileiras anarquistas e passou a ser grandemente inspirado pelo crescimento da federação sindical francesa, a CGT. Foi principalmente através dos artigos de Ôsugi que a CGT foi apresentada como um exemplo a ser seguido pelos trabalhadores japoneses. Terceiro, a reputação do comunismo anarquista foi

manchada, ainda que temporariamente, quando Kropotkin sucumbiu ao chauvinismo francês após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, os anarco-comunistas foram tranquilizados quando Malatesta e outros reiteraram a oposição de princípios à guerra, mas a deserção de Kropotkin, no entanto, causou um choque severo àqueles que absorveram o comunismo anarquista de fontes como A Conquista do Pão.

Um golpe de sorte fortuito para os sindicalistas anarquistas foi o seu sucesso em conseguir publicar a revista *Modern Thought* (Kindai Shisô) mesmo no auge do "período de inverno". Ao longo do "período de inverno" houve muitas tentativas por parte dos anarquistas de lançar diferentes revistas mas, quase sem exceção, foram fechadas e os seus editores multados e presos.

A única exceção foi o *Pensamento Moderno*, que Arahata Kanson e Ôsugi Sakae começaram em outubro de 1912 e que conseguiram publicar mensalmente até setembro de 1914. O *Pensamento Moderno* sobreviveu por dois anos, principalmente porque conseguiu apresentar ideias sindicalistas sob o disfarce de discussão filosófica, em vez de do que como uma proposição praticável. Em associação com o *Pensamento Moderno*, Arahata e Ôsugi também organizaram um Grupo de Estudo do Sindicalismo (Sanjikirizumu Kenkyû Kai) que realizou numerosas reuniões públicas entre 1913 e 1916. Mais uma vez, as autoridades provavelmente não conseguiram apreciar o verdadeiro significado das reuniões do Grupo de Estudo do Sindicalismo porque atraíram principalmente jovens intelectuais e não trabalhadores. Apesar desta desvantagem, eles foram um importante impulsionador do moral no que de outra forma seria um período de tristeza incessante e de derrota contínua.

Fim do "Período de Inverno"

O que pôs fim ao "período de inverno" foi o surto espontâneo de raiva popular que se expressou no verão de 1918 na forma de "motins do arroz" em todo o país. Os anos da Primeira Guerra Mundial foram um período de boom

para o capitalismo japonês, pois as empresas japonesas aproveitaram-se dos problemas trazidos pela guerra, que interferiram nas operações dos seus rivais europeus. À medida que a economia crescia, a inflação tomou conta e o preço do arroz, o alimento básico, subiu de forma assustadora no último ano da guerra, deixando os salários para trás. Como resultado, uma pequena manifestação de mulheres pescadoras na província de Toyama, em 23 de Julho de 1918, em protesto contra o transporte de arroz para fora do seu distrito, desencadeou uma torrente de raiva que se espalhou por todo o Japão durante as semanas seguintes, envolvendo centenas de "incidentes" de um tipo ou de outro.

Nem todos estes distúrbios atingiram as proporções de motins em grande escala, mas, numa grande cidade após outra, ocorreram batalhas campais entre dezenas de milhares de manifestantes e a polícia, tendo o exército sido convocado em muitos casos. Para as pessoas em Ôsaka, em 12 de agosto de 1918, por exemplo, parecia "como se uma revolução realmente tivesse acontecido".[18] Aqui estava finalmente o tipo de situação com a qual os anarquistas sonharam durante os anos sombrios do "período de inverno". O Estado já não estava firmemente no controlo, havia demasiadas perturbações para que fosse capaz de concentrar as suas forças e sufocar os protestos, um de cada vez, e a classe dominante estava com medo de fazer concessões.

O Japão não se tornou de forma alguma uma democracia liberal da noite para o dia, como resultado dos motins do arroz de 1918. Pelo contrário, a "lei de polícia para a paz pública" e a sua substituição de 1925, a "lei de manutenção da paz pública", permaneceram nos livros ao longo dos anos seguintes e os anarquistas continuaram a ser os principais alvos da repressão do Estado. Mas a supressão generalizada de toda a atividade já não era possível e os anarquistas foram rápidos a aproveitar as oportunidades que se apresentavam para se reagruparem, lançarem novas revistas e envolverem-se nos movimentos operários e camponeses.

Não só houve tumultos generalizados nas ruas neste período, mas também nas fábricas as disputas laborais eram comuns. Em 1918, mais de 66 mil trabalhadores estiveram envolvidos em 417 disputas distintas. Estes números podem parecer escassos segundo os padrões atuais, mas precisam de ser comparados com o número de menos de 1,5 milhões de trabalhadores empregados em todas as fábricas na altura. Embora os sindicatos continuassem tecnicamente ilegais, o Estado já não estava em condições de fazer cumprir integralmente a letra da lei. Uma Sociedade Amigável (Yûaikai), que foi formada em 1912 com apenas 15 membros, expandiu a sua organização e membros para 30.000 em 1918 e em 1921 mudou o seu nome para Confederação Japonesa do Trabalho (Nihon Rôdô Sôdômei).

É verdade que a maioria dos sindicatos recém-formados, tanto dentro como fora da Confederação Japonesa do Trabalho, foram liderados por reformistas declarados, que procuravam simplesmente melhorar a posição dos trabalhadores dentro do capitalismo, ao mesmo tempo que procuravam esculpir e criar carreiras para si próprios.

No entanto, entre os sindicatos que surgiram neste período estavam alguns que abraçaram o anarquismo, tanto como objetivo da sua luta como como método organizacional. Um desses sindicatos foi o sindicato dos impressores Shinyûkai que, embora quando foi formado pela primeira vez em 1916 tivesse uma perspectiva puramente reformista, em 1919 expandiu o seu número de membros para 1.500 e optou pelo anarquismo. Também em 1919, outro sindicato de trabalhadores da imprensa com tendências anarquistas, o Seishinkai, foi formado por 500 trabalhadores de jornais. O Shinyûkai e o Seishinkai se uniram em 1923 para estabelecer uma federação de impressores e em 1924 esta atingiu um número combinado de 3.850 membros, um número não desprezível para os padrões da época.

O Shinyûkai e o Seishinkai foram destacados para menção especial aqui, uma vez que os impressores formaram a espinha dorsal do movimento sindical anarquista durante os anos anteriores à guerra. No entanto, os

sindicatos anarquistas não estavam de forma alguma confinados apenas à indústria gráfica. Uma declaração emitida em novembro de 1922 por grupos de trabalhadores que favoreciam a organização baseada na "federação libertária" e rejeitavam a "autoridade centralizada" foi assinada por sindicatos que representam, entre outros setores da força de trabalho, relojoeiros, trabalhadores em geral, trabalhadores de bondes, construtores navais, trabalhadores de engenharia e trabalhadores de comunicação.[19] Isto forneceu uma indicação da difusão das ideias anarquistas entre a classe trabalhadora em geral.

Um importante grupo anarquista que foi formado em 1919 em resposta aos desenvolvimentos descritos acima foi o Grupo do Movimento Trabalhista (Rôdô Undô), que publicou um jornal com o mesmo nome. A característica mais marcante da revista *Labour Movement* foi que, enquanto anteriormente uma revista como a *Modern Thought* tinha recomendado o sindicalismo como um curso de ação a ser seguido e um objectivo pelo qual lutar, o *Labour Movement* estava mais preocupado em relatar e analisar a situação em curso. lutas, que muitas vezes assumiam uma forma anarquista, independentemente de os trabalhadores terem ou não conhecimento da teoria sindicalista.

O que isto significou foi que, com o fim do "período de inverno", o sindicalismo anarquista passou do domínio da teoria para o campo da prática. Num certo sentido, isto representou o amadurecimento do sindicalismo anarquista num contexto japonês, mas, noutro sentido, forçou muitos anarquistas japoneses a enfrentar problemas inerentes ao sindicalismo, dos quais anteriormente desconheciam. Voltaremos a isto abaixo quando discutirmos a divisão entre anarco-comunistas e anarquistas sindicalistas que ocorreu em 1928.

Anarquismo versus Bolchevismo

No Japão, como em muitos países, levou algum tempo para compreender a verdadeira natureza da Revolução Russa de 1917. Inicialmente havia muitos anarquistas no Japão que simpatizavam com o pouco que sabiam sobre os bolcheviques. Imediatamente após a revolução, tudo o que se sabia sobre Lenine e os seus seguidores era que tinham executado o czar, libertado a Rússia da guerra e, assim, conquistado o ódio da burguesia e dos social-democratas reformistas.

À primeira vista, este parecia ser um curso de ação que muitos anarquistas poderiam ter seguido dadas as circunstâncias. Portanto, não foi surpreendente que, para começar, o bolchevismo tenha atraído o interesse simpático de muitos anarquistas japoneses e que, embora alguns rapidamente tenham compreendido que Lenin e os seus colegas líderes eram simplesmente uma nova classe dominante que tinha a intenção de consolidar o seu poder, outros foram levados pelo novo credo e foram perdidos para o anarquismo.

Na verdade, quando o Partido Comunista do Japão foi fundado em 1922, entre os seus líderes estavam Arahata Kanson (anteriormente coeditor com Ôsugi do Pensamento Moderno) e Yamakawa Hitoshi (que foi um dos primeiros a unir-se a Kôtoku após a sua "mudança de opinião". pensamento" e ajudou a traduzir A Conquista do Pão). Além disso, o primeiro presidente do Partido não foi outro senão o velho amigo de Kôtoku, Sakai Toshihiko (que, embora nunca tenha sido anarquista, renunciou em 1903 ao Every Morning News e ajudou Kôtoku a lançar o Common People's Newspaper). É interessante notar que, embora nenhum deles tivesse qualquer associação com o anarquismo, nenhum deles durou muito nas fileiras do Partido Comunista, uma vez que a sua capacidade de pensamento independente os impediu de engolir cada reviravolta da política do Comintern.[20]

Embora Ôsugi nunca tenha mostrado quaisquer sinais de abandonar o anarquismo pelo bolchevismo, até ele estava preparado para aceitar um convite

para visitar Xangai em Outubro de 1920 para discussões com agentes do Comintern. Ele voltou com ¥ 2.000 para serem usados para reiniciar o Movimento Trabalhista, que havia cessado temporariamente a publicação em junho de 1920. O resultado desse financiamento do Comintern foi a segunda série do Movimento Trabalhista, que durou de janeiro a junho de 1921 e coincidiu com o ponto alto da cooperação entre anarquistas e os apoiadores japoneses do bolchevismo.[21] Durante este breve período, artigos escritos tanto a partir de perspectivas anarquistas como bolcheviques apareceram lado a lado no Movimento Trabalhista, mas não demorou muito até que as tensões na relação começassem a aparecer.

O regime de Lenin reprimiu o levante de Kronstadt que era contra o despotismo bolchevique em março de 1921, Ôsugi logo começou a traduzir relatos de testemunhas oculares de Emma Goldman e Alexander Berkman sobre a repressão bolchevique aos anarquistas russos e em pouco tempo Ôsugi concluiu que não havia nada para escolher entre o capitalismo de estado russo e o capitalismo privado ocidental. A política bolchevique, escreveu ele, “lançou as cadeias da escravatura assalariada para o proletariado russo e arrastou os trabalhadores para uma situação pior do que as condições de trabalho encontradas noutros países capitalistas”.[22]

O Movimento Trabalhista continuou a ser publicado intermitentemente até outubro de 1927, mas, após o breve flerte anarquista-bolchevique que foi uma característica de seus primeiros números, logo se transformou em um jornal 100% anarquista que se opunha inequivocamente ao bolchevismo.

Paralelamente à cooperação temporária entre anarquistas e bolcheviques no campo editorial, que foi descrita acima, houve também tentativas, nos primeiros dias do movimento sindical, de colmatar a divisão ideológica. Sindicatos de diferentes convicções ideológicas organizaram conjuntamente a primeira manifestação do Primeiro de Maio no Japão em 1920 e daí surgiu uma Aliança Sindical Trabalhista (Rôdô Kumiai Dômeikai). No entanto, quando um comício do Primeiro de Maio foi realizado novamente no ano

seguinte, membros de sindicatos anarquistas e reformistas entraram em conflito e a Aliança Sindical Trabalhista foi fundada.

Em 1922, houve uma última tentativa de formar uma federação sindical abrangente, desta vez na forma da Federação Geral de Sindicatos Trabalhistas de Todo o Japão (Zenkoku Rôdô Kumiai Sôrengô). A sua conferência de fundação foi realizada em Ôsaka em 30 de setembro de 1922 e contou com a presença de 106 delegados, representando 59 organizações com um total de mais de 27.000 membros. Os sindicatos representados estavam divididos ideologicamente em três direções: anarquistas, reformistas e bolcheviques. Embora não houvesse qualquer amor entre os reformistas e os bolcheviques, eles cooperaram temporariamente para se oporem à preferência dos anarquistas por uma federação descentralizada e insistiram, em vez disso, que o movimento sindical deveria ter uma liderança centralizada com poderes para fazer cumprir as suas decisões.

Naturalmente, onde os reformistas e os bolcheviques discordavam era sobre qual deles deveria exercer a liderança. Este antagonismo viria a atingir o auge três anos mais tarde, em 1925, quando os sindicatos controlados pelos bolcheviques romperam com os reformistas para criar o Conselho Sindical Trabalhista Japonês (Nihon Rôdô Kumiai Hyôgikai). Do ponto de vista deste relato, no entanto, o resultado mais significativo da tentativa fracassada em 1922 de estabelecer a Federação Geral de Sindicatos Trabalhistas de Todo o Japão foi que 20 sindicatos revelaram sua forte preferência por princípios organizacionais anarquistas ao assinarem em novembro de 1922 o “Anúncio aos Trabalhadores de Todo o País” ao qual já foi feita referência.[23] Quatro anos mais tarde, este apoio central seria o foco em torno do qual se cristalizaria a primeira federação nacional de sindicatos de tendência anarquista, a Federação Libertária de Sindicatos Trabalhistas de Todo o Japão (Zenkoku Rôdô Kumiai Jiyû Rengôkai).

Em 1922, então, o antagonismo entre anarquistas e bolcheviques atingiu um nível de intensidade que tornou impossível qualquer cooperação futura.

Desse ponto em diante, a hostilidade anarquista ao Partido Comunista do Japão igualou o desprezo de longa data com que os anarquistas tinham os social-democratas reformistas.

A morte de Ôsugi e novas tentativas de terrorismo

Em Setembro de 1923, o anarquismo no Japão sofreu um golpe tão duro como a execução de Kôtoku e dos seus camaradas doze anos antes. Já foi mencionado que, após a morte de Kôtoku, Ôsugi foi indiscutivelmente o pensador e escritor mais talentoso nas fileiras anarquistas. Ao longo da dura repressão do “período de inverno” e nos anos de ressurgimento que se seguiram, a sua combinação de compromisso apaixonado com a libertação pessoal com um entusiasmo igualmente ardente pelos objetivos e métodos do sindicalismo anarquista serviu de inspiração para muitos. Agora, tragicamente, ele seria morto no auge. Em 1º de setembro de 1923, o leste do Japão (região de Kantô) foi atingido por um grande terremoto. Mais de 90 mil pessoas morreram e perto de meio milhão de edifícios foram destruídos, em parte devido aos efeitos iniciais do terramoto, mas principalmente devido aos incêndios subsequentes que arderam descontroladamente durante dias a fio.

À medida que faixas de fogo cortavam Tôkyô, Yokohama e outros lugares, rumores de que incendiários e revolucionários estavam nas ruas espalharam-se de forma tão assustadora quanto as próprias chamas. A histeria tomou conta e levou a linchamentos, muitas das vítimas dos quais eram imigrantes coreanos. Nesta situação de pânico e caos, as autoridades tiveram outra oportunidade de ouro para eliminar os inimigos do Estado. Ôsugi Sakae, sua parceira Itô Noe (que era uma excelente anarquista) e o sobrinho de Ôsugi, de seis anos, Tachibana Munekazu (que por acaso estava com eles) foram capturados por um esquadrão da polícia militar e os três foram brutalmente condenados à morte. Levados sob custódia em 16 de setembro de 1923, seus

corpos espancados foram descobertos quatro dias depois, onde haviam sido jogados em um poço.[24]

A brutalidade dos assassinatos de Ôsugi e seus companheiros foi agravada pela hipocrisia do Estado. Amakasu Masahiko, capitão no comando da unidade da Polícia Militar, foi levado a julgamento e condenado a dez anos de prisão, mas três anos depois estava novamente livre e de volta ao serviço. Os camaradas de Ôsugi que o conheceram pessoalmente, bem como outros que o conheciam como um propagandista inspirado e um defensor irreprimível da liberdade apenas através de seus escritos, ficaram indignados com a facilidade casual com que o Estado matou o anarquista mais hábil de sua geração, como se estivessem espantando uma mosca. Não é de surpreender que houvesse aqueles que jurassem uma justa vingança.

Em setembro de 1924, um grupo anarquista que foi apropriadamente chamado de Sociedade da Guilhotina (Girochin Sha) fez dois atentados contra a vida de Fukuda Masatarô, o general que estava no comando das tropas que assassinaram Ôsugi. Na primeira tentativa, um dos antigos camaradas de Ôsugi, Wada Kyûtarô, atirou no General Fukuda, mas só conseguiu feri-lo, enquanto na segunda a casa de Fukuda foi bombardeada, embora ele não estivesse em casa no momento. Wada foi julgado e condenado à prisão perpétua, mas cometeu suicídio enquanto estava na prisão em 1928. Outros membros da Guillotine Society receberam longas sentenças de prisão e dois, Furuta Daijirô e Nakahama Tetsu, foram executados por sua participação em um assalto a banco realizado em outubro de 1923 para arrecadar fundos e durante o qual um bancário foi morto.

Por mais justa que seja a indignação que desencadeou estas tentativas de retaliação contra a crueldade perpetrada pela classe dominante, o terrorismo revelou-se totalmente improdutivo no avanço da causa anarquista. As detenções em massa e o aumento da repressão foram o resultado inevitável de ataques que, na sua maioria, falharam os alvos e infligiram danos insignificantes às estruturas de poder. Contudo, apesar do fracasso óbvio

destes vários incidentes, eles não acabaram por acabar com o fantasma terrorista. O terrorismo foi o resultado da desumanidade sistemática praticada pelo Estado capitalista e a persistência deste fator causal garantiu que nos próximos anos uma minoria de anarquistas continuaria a ser provocada a tentar retribuir em espécie à classe dominante.

O Ressurgimento do Comunismo Anarquista

Muitos relatos do anarquismo no Japão, particularmente aqueles que simpatizam com o bolchevismo, sugerem que desde a época da morte de Ôsugi o anarquismo ficou preso em uma espiral descendente. Isto está longe de ser o caso. Durante a década de 1920, os anarquistas no Japão eram organizacionalmente mais fortes do que nunca, e houve um florescimento correspondente de ideias e teorias, particularmente entre os anarco-comunistas.

Em 1926, foram formadas duas federações nacionais de anarquistas. A primeira, organizada em janeiro de 1926, foi a Liga da Juventude Negra (Kokushoku Seinen Renmei), geralmente conhecida pela abreviatura japonesa de Kokuren. Quando Kokuren foi criada, era composta principalmente por jovens anarquistas do Leste do Japão (a região de Kantô), mas rapidamente se expandiu para abranger todas as gerações e para estender a sua organização federal por todo o Japão e até mesmo para além das colônias japonesas, como a Coreia e Taiwan. A segunda federação foi a Federação Libertária de Sindicatos Trabalhistas de Todo o Japão (Zenkoku Rôdô Kumiai Jiyû Rengôkai), cujo nome era geralmente abreviado em japonês para Zenkoku Jiren.

Na sua conferência de fundação, em 24 de maio de 1926, compareceram 400 delegados, representando 25 sindicatos com um total de 8.400 membros. Estes números são comparados com os 35 sindicatos (com cerca de 20.000 membros) que permaneceram na reformista Confederação do Trabalho Japonesa quando 32 dos seus sindicatos constituintes (com 12.500 membros)

se separaram em 1925 para formar o Conselho Sindical do Trabalho Japonês, liderado pelos bolcheviques.

Embora Zenkoku Jiren fosse menor do que os seus rivais reformistas e bolcheviques, os sindicatos que o compunham foram implantados em praticamente todas as áreas do Japão, desde a ilha de Hokkaidô, no extremo Norte, passando por grandes centros urbanos como Tôkyô e Ôsaka, no coração industrial do Japão, para cidades do sudoeste do país, como Hiroshima. Além da ampla distribuição geográfica de Zenkoku Jiren, ele também tinha raízes na maioria das grandes indústrias. Os seus sindicatos estavam organizados segundo linhas industriais e abrangiam sectores da força de trabalho tão variados como os trabalhadores da impressão, os trabalhadores têxteis, os trabalhadores da engenharia, os trabalhadores da alimentação, os trabalhadores da borracha, os trabalhadores em geral e assim por diante.[25]

Havia também outro sentido em que se poderia dizer que Kokuren e Zenkoku Jiren eram amplamente baseados quando foram formados. Foi assim que eles assumiram a maioria dos matizes do anarquismo, do sindicalismo anarquista ao comunismo anarquista. Por exemplo, embora a forte presença de anarco-comunistas nas fileiras de Kokuren e Zenkoku Jiren fosse óbvia desde o início, o programa que a conferência de fundação deste último adotou foi, no entanto, claramente influenciado pela declaração clássica de princípios sindicalistas - a Carta de Amiens da CGT francesa (1906).). O programa fundador de Zenkoku Jiren declarou:

-Tomamos a luta de classes como base para o movimento de libertação dos trabalhadores e arrendatários.

-Rejeitamos todos os movimentos políticos e insistimos apenas na acção económica.

-Defendemos uma federação libertária organizada indústria por indústria e rejeitamos o autoritarismo centralizado.

-Opomo-nos à agressão imperialista e defendemos a solidariedade internacional da classe trabalhadora.[26]

As relações entre Kokuren e Zenkoku Jiren eram extremamente estreitas, com o primeiro atuando como um núcleo duro de ativistas comprometidos e endurecidos pela batalha dentro das fileiras mais amplas do último. Quando os sindicatos afiliados a Zenkoku Jiren se envolveram em disputas laborais, foram frequentemente os militantes Kokuren que assumiram as formas mais perigosas de ação direta, tais como lutar com a polícia e bombardear as casas dos patrões. A este respeito, a relação entre Kokuren e Zenkoku Jiren tem sido frequentemente comparada àquela entre a FAI e a CNT em Espanha. No entanto, esta analogia não pode ser levada demasiado longe, uma vez que, como veremos, as ideias que inspiraram muitos anarquistas japoneses divergiam cada vez mais daquelas defendidas pelos seus homólogos em Espanha e noutros lugares.

A história dos anos seguintes é a de um antagonismo cada vez mais acentuado entre o comunismo anarquista e o sindicalismo anarquista, o que levou os sindicalistas anarquistas a retirarem-se tanto de Kokuren como de Zenkoku Jiren em 1927/28 num clima de considerável amargura e a estabelecerem a sua próprias organizações independentes. As razões deste confronto são diversas. Uma das mais fáceis de identificar é a influência de dois destacados teóricos e propagandistas anarco-comunistas, chamados Hatta Shûzô e Iwasa Sakutarô.[27] Embora Hatta tenha sido ativo no movimento anarquista apenas durante os últimos dez anos de sua vida relativamente curta (1886-1934), ele foi amplamente aclamado como "o maior teórico do comunismo anarquista no Japão". Iwasa viveu muito mais tempo (1879-1967) e passou a ser cada vez mais considerado, com uma mistura de afeto e respeito, como o grande ancião do anarquismo japonês.

Embora fossem tipos diferentes em muitos aspectos, Hatta e Iwasa complementavam-se de forma extremamente eficaz e o que partilhavam era

uma profunda desconfiança tanto no sindicalismo como no movimento operário convencional. Como clérigo protestante decaído, Hatta era um orador magistral, o tipo de homem que conseguia manter uma audiência de arrendatários ou trabalhadores fascinados durante horas a fio, levando-os às lágrimas com a sua descrição da iniquidade tanto do capitalismo convencional como do bolchevismo. e incendiá-los com paixão por uma sociedade alternativa que combinaria com sucesso a liberdade individual e a solidariedade comunitária. Iwasa era um tipo mais quieto e menos extravagante, que se dava melhor em conversas e discussões informais. Sempre em movimento, ele viajou por todo o Japão, fazendo amigos silenciosamente e implantando as ideias do comunismo anarquista onde quer que fosse.

No entanto, por mais talentosos que Hatta e Iwasa possam ter sido como expoentes do comunismo anarquista, o ressurgimento desta doutrina no Japão neste momento específico não pode ser adequadamente explicado apenas em termos da sua influência. Para que o comunismo anarquista tivesse desfrutado da popularidade que teve no Japão no final da década de 1920, teve de fornecer uma explicação convincente para a opressão que tantos estavam a experimentar e, igualmente, teve de corresponder às suas aspirações por uma nova vida. Muitos arrendatários e trabalhadores descobriram que o comunismo anarquista poderia cumprir estes papéis de forma muito mais eficaz do que o sindicalismo anarquista. Do ponto de vista dos arrendatários desesperadamente pobres, que constituíam a maior parte da população do Japão neste período e superavam em número os trabalhadores fabris, as razões para isto talvez não sejam difíceis de compreender. Quando os anarco-comunistas falaram em converter, por meios revolucionários, as aldeias agrícolas miseravelmente empobrecidas em comunas prósperas e autossuficientes, a sua mensagem parecia diretamente relevante para os arrendatários, de uma forma que a abordagem predominantemente urbanizada, industrializada e de união dos sindicalistas anarquistas não o era.

No entanto, a divisão entre o comunismo anarquista e o sindicalismo anarquista não pode ser adequadamente compreendida simplesmente em termos das diferentes posições sociais dos arrendatários e dos trabalhadores industriais. Por um lado, houve um grande movimento entre o campo e as cidades, com novos trabalhadores a serem absorvidos pelas fábricas à medida que a economia se expandia periodicamente e descarregados com a mesma regularidade sempre que ocorriam as inevitáveis crises econômicas. Por outro lado, mesmo entre os trabalhadores permanentemente baseados nas cidades, o comunismo anarquista impressionou muitos como constituindo uma ruptura mais fundamental com as estruturas e valores do capitalismo do que o sindicalismo anarquista alguma vez poderia alcançar.

Muitos destes trabalhadores acharam o argumento de Hatta convincente quando ele insistiu que, porque o sindicalismo anarquista se baseava em organizações sindicais que eram consequências dos locais de trabalho capitalistas, ele replicaria nas suas relações sociais a centralização, a hierarquia e o poder encontrados sob o capitalismo. Hatta argumentou que, ao adotar uma forma de organização que espelhasse a indústria capitalista, o sindicalismo anarquista perpetuaria a divisão do trabalho.

Previa-se que, mesmo que os patrões fossem eliminados, de modo que as minas fossem controladas pelos mineiros, as siderúrgicas pelos trabalhadores siderúrgicos e assim por diante, ainda surgiriam tensões entre diferentes sectores industriais e diferentes grupos de trabalhadores. Embora tenha sido reconhecido que o sindicalismo anarquista estava ideologicamente comprometido com a abolição do Estado, Hatta sustentou que haveria uma tendência inerente para o surgimento de alguma forma de órgão de arbitragem ou coordenação, a fim de lidar com conflitos de interesses entre diferentes setores econômicos e aqueles que trabalhou neles. Não só existiria o perigo de que aqui estivesse em formação um novo Estado, mas aqueles capazes de exercer controle sobre este órgão de coordenação provavelmente se tornariam uma classe dominante emergente. Como disse Hatta:

Numa sociedade baseada na divisão do trabalho, aqueles envolvidos na produção vital (uma vez que esta constitui a base da produção) teriam mais poder sobre a maquinaria de coordenação do que aqueles envolvidos em outras linhas de produção. Haveria, portanto, um perigo real de aparecimento de classes.[29]

Hatta e Iwasa também criticaram fortemente a crença do sindicalismo anarquista de que a revolução poderia ser realizada através da luta de classes. Em primeiro lugar, salientaram que as relações sociais que existiam entre os milhões de arrendatários e os proprietários a quem arrendavam as suas terras estavam mais próximas do feudalismo do que do capitalismo. Portanto, a sociedade japonesa não poderia ser reduzida a uma estrutura de classes esquemática de trabalhadores versus capitalistas, como os sindicalistas anarquistas (e o Partido Comunista do Japão, nesse caso) tendiam a afirmar. Em segundo lugar, e mais fundamentalmente, argumentou-se que a vitória na luta de classes, no máximo, altera a hierarquia entre as classes, mas não provoca a condição sem classes que está implícita no anarquismo. Iwasa expressou isso por meio de uma analogia que se tornou famosa entre os anarquistas japoneses – a analogia de uma gangue de bandidos da montanha. Se o chefe dos bandidos (equivalente aos capitalistas) fosse deposto e substituído por um ou mais dos seus capangas (equivalente ao movimento operário convencional), poderia dizer-se que a ordem hierárquica (estrutura de classes) tinha mudado, mas não a natureza exploradora dos trabalhadores. sociedade (representada na analogia de Iwasa pela contínua atividade saqueadora da gangue de bandidos).[30] Foi por motivos como este que Hatta tirou a conclusão:

Se compreendermos... que a luta de classes e a revolução são coisas diferentes, então seremos forçados a dizer que é um grande erro declarar, como fazem os sindicalistas, que a revolução será provocada pela luta de classes. Mesmo que uma

mudança na sociedade ocorresse através da luta de classes, isso não significaria que tivesse ocorrido uma verdadeira revolução.[31]

Aliado a estas críticas ao sindicalismo anarquista, Hatta, em particular, escreveu extensivamente sobre como uma sociedade anarco-comunista poderia superar a divisão do trabalho e, ao fazê-lo, empurrou as fronteiras teóricas do comunismo anarquista de uma forma que não tinha sido feita desde o dias de Kropotkin. Sua visão do comunismo anarquista era essencialmente de uma série de "pequenas sociedades" (comunias), cada uma das quais seria em grande parte autossustentável em virtude do envolvimento em atividades agrícolas abrangentes, bem como em atividades industriais (de pequena escala). sobre como isso poderia funcionar na prática, ele desenvolveu algumas das ideias que haviam permanecido de forma bastante rudimentar nos escritos de Kropotkin (por exemplo, a noção de uma "fisiologia do sociedade"[32]) e fez algumas contribuições importantes para o desenvolvimento de uma teoria econômica do comunismo anarquista.[33]

O que foi pelo menos tão impressionante como o elevado calibre dos escritos teóricos de Hatta foi a medida em que tais ideias atingiram a sensibilidade de muitos trabalhadores, mesmo aqueles habituados a viver num ambiente industrial e urbano. Para dar apenas um exemplo, um impressor de Tôkyô escreveu um artigo intitulado "Vamos Abandonar as Cidades" no jornal Libertarian Federation (Jiyû Rengô) de Zenkoku Jiren em dezembro de 1926. Aqui foi apresentado o argumento de que os trabalhadores industriais não deveriam ter como objetivo assumir o controle das cidades dos capitalistas e administrá-los em seus próprios interesses. Em vez disso, deveriam revoltar-se contra os patrões e levar as suas competências industriais para o campo, enriquecendo assim a vida da aldeia e alcançando a unidade com os seus irmãos e irmãs nas explorações agrícolas.[34] Quanto ao sindicalismo anarquista, um artigo publicado no jornal Kokuren Black Youth (Kokushoku

Seinen) em dezembro de 1929 colocou vigorosamente o que se tornou a visão da maioria quando declarou:

O movimento anarquista está progredindo muito no Japão atualmente. Em outros países encontramos um movimento anarquista que se liga aos sindicalistas. Mas neste país não os aprovamos, afastando-os tal como fazemos com os bolcheviques. Somos até contra o sindicalismo anarquista e aderimos ao comunismo anarquista.[35]

A divisão

A divisão entre anarco-comunistas e anarquistas sindicalistas ocorreu primeiro em Kokuren. À medida que 1927 avançava, a maioria anarco-comunista em Kokuren expressou cada vez mais abertamente a sua oposição ao sindicalismo, levando a minoria de sindicalistas anarquistas a agrupar-se primeiro em torno de um novo jornal, The Anti-Political Party Movement (Han Seitô Undô), que começou em Junho, e eventualmente retirar-se totalmente de Kokuren. De Kokuren, a tensão transbordou para Zenkoku Jiren, levando a procedimentos caóticos na sua segunda conferência, que foi realizada em Novembro e teve de ser adiada à medida que os debates degeneraram em disputas de calúnias.

Nesta fase, os relatos da divisão iminente entre anarco-comunistas (que às vezes eram conhecidos no Japão como "anarquistas puros") e sindicalistas anarquistas se espalharam para além do Japão e um dos que ficaram alarmados foi Augustin Souchy, secretário do sindicato anarquista sindicalista Trabalhadores Internacionais. 'Associação (IWA, ou AIT quando conhecida pelas iniciais francesas). Numa carta dirigida à segunda conferência de Zenkoku Jiren, Souchy escreveu:

Camaradas! Ouvimos algo sobre uma disputa teórica atual entre os anarquistas puros e os sindicalistas puros dentro do movimento operário libertário japonês. Se pudermos expressar a nossa opinião, agora não é realmente o momento para uma disputa sobre esta questão. Assumiu um caráter inteiramente teórico. Nesta ocasião, gostaríamos de chamar a atenção para a Argentina e para os países sul-americanos em geral. Nestes países o movimento operário atua no espírito de Mikhail Bakunin e também, ao mesmo tempo, está sob a orientação espiritual do nosso indomável pioneiro Errico Malatesta. Nestes países, todos os anarquistas participam heroicamente no movimento sindicalista, enquanto, ao mesmo tempo, todos os sindicalistas lutam para abolir a máquina opressiva do Estado e para resistir à exploração capitalista. Também em Espanha, anarquistas e sindicalistas repartem entre si a preocupação pelas questões econômicas e pelo lado espiritual das coisas, de tal forma que não surgem disputas teóricas.[37]

Embora a carta de Souchy tenha sido publicada na primeira página da Federação Libertária de Zenkoku Jiren em janeiro de 1928, ela não teve o efeito desejado. Em vez disso, a Juventude Negra de Kokuren publicou um artigo "Sobre a Mensagem da Associação Internacional dos Trabalhadores" na sua edição de Fevereiro, que afirmava intransigentemente que desde 1927 vinha lutando contra "os traidores, oportunistas e imperialistas sindicais" nas fileiras de Zenkoku Jiren.[38] Esta atitude foi transportada para a segunda conferência de Zenkoku Jiren quando esta se reuniu novamente em Março de 1928. Depois de horas de debate acirrado, com os insultos a voarem grossos e rápidos de ambos os lados, os sindicalistas anarquistas decidiram reconhecer o inevitável, desfraldaram as suas bandeiras e marcharam para fora do país. Isto não só formalizou a divisão dentro do movimento sindical anarquista, mas subsequentemente a mesma oposição aberta entre anarco-comunistas e anarquistas sindicalistas manifestou-se em todos os outros campos onde os anarquistas estavam ativos. Por exemplo, o florescente movimento literário e cultural anarquista dividiu-se da mesma forma em alas comunistas e sindicalistas, que doravante foram empunhadas com punhais.[39]

Poderia ter-se pensado que a divisão entre os anarco-comunistas e os anarquistas sindicalistas teria tido um efeito negativo no crescimento do movimento anarquista na sua totalidade, mas não foi o caso. É verdade que Zenkoku Jiren perdeu vários sindicatos e também os ramos de inclinação sindicalista de outros sindicatos na divisão de 1928. Além disso, a sua espinha dorsal, na forma do Sindicato dos Trabalhadores da Impressão de Tôkyô, com 5.000 membros, foi dividida em Abril de 1929 em grupos hostis. organizações anarquistas comunistas e anarquistas sindicalistas.

No entanto, em 1931, o então comunista exclusivamente anarquista Zenkoku Jiren tinha um total de 16.300 membros, o que o tornava virtualmente duas vezes maior do que era na época de sua formação em 1926. Quanto aos sindicatos sindicalistas anarquistas que se retiraram de Zenkoku Jiren, a maioria deles eventualmente federados sob o nome de Conselho Federal Libertário dos Sindicatos Trabalhistas do Japão (Nihon Rôdô Kumiai Jiyû Rengô Kyôgikai), geralmente conhecido pela abreviatura Jikyô. Embora consideravelmente menor que Zenkoku Jiren, em 1931 Jikyô também havia crescido a ponto de ter quase 3.000 membros.

É importante diferenciar entre antissindicalismo e antianarcossindicalismo quando se procura compreender a teoria e a prática dos anarco-comunistas. A base da sua oposição ao sindicalismo já foi explicada resumindo as teorias de Hatta Shûzô e Iwasa Sakutarô. Contudo, o antissindicalismo não deve ser considerado como implicando hostilidade à atividade sindical. Zenkoku Jiren permaneceu uma federação de sindicatos mesmo depois que os sindicalistas anarquistas se retiraram de suas fileiras. Como vimos, ao longo dos anos seguintes, continuou a atrair um número significativo de trabalhadores para as suas fileiras. Além disso, os seus sindicatos constituintes estavam sempre prontos a confrontar os patrões sobre salários e condições de trabalho, e estiveram envolvidos em algumas disputas notáveis, como a luta de 1.300 trabalhadores contra despedimentos e cortes

salariais na Shibaura Works da Mitsui Company e na American General Companhia Elétrica em 1930.

O que distinguiu a atitude anarco-comunista em relação ao movimento sindical foram basicamente dois factores. Em primeiro lugar, enfatizaram constantemente a luta mais ampla por uma nova sociedade que estivesse acima e além das questões imediatas, como os salários e as condições de trabalho. Em segundo lugar, embora os sindicatos de Zenkoku Jiren fossem compostos por trabalhadores industriais, eles centraram a atenção nos arrendatários como a força social crucial que poderia criar uma sociedade alternativa ao capitalismo, baseada nas comunas. Foi a importância que atribuíram a estes dois factores que os levou a canalizar tempo e energia consideráveis em trabalhos teóricos destinados a esclarecer a natureza da nova sociedade e as forças sociais que poderiam trazê-la à existência.

Em contraste, os sindicalistas anarquistas japoneses eram menos talentosos no domínio da teoria. Provavelmente é justo dizer que não houve ninguém no Japão que tenha feito uma contribuição importante e original à teoria sindicalista anarquista. A este respeito, é significativo que o teórico mais proeminente do lado anarquista sindicalista seja geralmente considerado Ishikawa Sanshirô.

No entanto, embora o facto de Ishikawa se ter recusado a rejeitar o sindicalismo anarquista de imediato o tornou uma espécie de contrapeso aos anarquistas comunistas como Hatta e Iwasa, ele estava principalmente orientado para o anarquismo agrário (e, incidentalmente, também para o anarquismo cristão). Portanto, pode-se dizer que, no contexto japonês, as contribuições mais significativas feitas pelo sindicalismo anarquista não foram no domínio da teoria, mas no campo da ação.

Por exemplo, numa disputa na Companhia Nihon Senjû em Abril de 1931, o sindicato afiliado ao Jikyô não só ocupou a fábrica como utilizou métodos inovadores de luta, como a greve de fome e o amplo envolvimento das mulheres na comunidade circundante. Um militante Jikyô, Chiba Hiroshi,

dramatizou com sucesso a luta, a fim de ganhar o apoio público, escalando a chaminé da fábrica e permanecendo ali empoleirado, a 40 metros acima do solo, durante os catorze dias seguintes. Embora a disputa com Nihon Senjû tenha terminado num compromisso, isto em si foi uma conquista nas condições prevalecentes na altura, quando todas as cartas estavam contra os trabalhadores.

A agonia da morte do movimento anarquista pré-guerra

O ponto de viragem para o movimento anarquista pré-guerra ocorreu em 1931, quando ocorreu o chamado Incidente da Manchúria. Sob a influência da depressão econômica mundial, que entrou em vigor a partir de 1929, todas as potências imperialistas começaram a erguer barreiras tarifárias mais elevadas dentro dos territórios que controlavam, de modo a usar as suas possessões coloniais como uma almofada contra a crise econômica. No entanto, em comparação com grandes potências imperialistas, como os EUA, a Grã-Bretanha ou a França, os territórios coloniais do Japão eram insuficientes para lhe proporcionar mercados adequados ou fornecimentos suficientes de matérias-primas baratas. O Incidente da Manchúria foi o início do processo pelo qual o Estado capitalista japonês tentou estender o seu controlo a fatias cada vez maiores do território chinês, a fim de compensar estas deficiências. Se o processo aqui descrito começou na Manchúria em 1931, culminaria no ataque a Pearl Harbor em 1941 e na guerra em grande escala com os EUA, pois como o diário de Zenkoku Jiren resumiu a situação em Novembro de 1931:

A verdadeira causa da mobilização para a China não é outra senão a ambição da classe capitalista e militar japonesa de conquistar a Manchúria. O Japão tem sua própria doutrina Monroe. O capitalismo japonês não pode desenvolver-se, nem mesmo sobreviver, sem a Manchúria. É por isso que o seu governo decidiu arriscar

tudo para não perder os seus muitos privilégios na China... O capital americano fluiu para a China em quantidades cada vez maiores. Isto representa uma enorme ameaça para a classe capitalista japonesa. Por outras palavras, agora o Japão é forçado a opor-se ao capital americano na China.[41]

À medida que o Estado japonês avançava para uma luta de vida ou morte com os seus rivais internacionais, tornou-se cada vez mais determinado a esmagar qualquer dissensão na frente interna e os anarquistas estavam no topo da lista daqueles a serem eliminados. Kokuren foi expulso da existência em 1931 e, a partir do pico de adesão naquele ano, tanto Zenkoku Jiren quanto Jikyô viram seus números começarem a cair à medida que os parafusos da repressão eram implacavelmente apertados. Em 1933, Zenkoku Jiren havia encolhido para 4.400 membros e Jikyô para 1.100.

De costas contra a parede, três estratégias de tentativa de sobrevivência surgiram nas fileiras dos anarquistas. Uma delas era Zenkoku Jiren e Jikyô afundarem as suas diferenças, reunirem-se como uma federação sindical abrangendo tanto anarco-comunistas como anarquistas sindicalistas, e envolverem-se numa resistência ao fascismo de estilo frente unida. A reunificação ocorreu em janeiro de 1934, quando o Jikyô se desfez e a maioria de seus membros e sindicatos constituintes reingressaram no Zenkoku Jiren. Apesar deste encerramento das fileiras, contudo, não impediu a atrofia do movimento sindical anarquista. Quer fossem organizacionalmente separados ou unidos, os sindicatos simplesmente não eram páreo para o poder à disposição do Estado, uma vez que este decidiu expulsá-los da existência. Em 1935, o número de membros até mesmo do Zenkoku Jiren reunificado caiu para apenas 2.300.

Uma segunda estratégia para enfrentar a repressão do estado foi a empregada pela Associação Juvenil das Aldeias Agrícolas (Nôson Seinen Sha), geralmente chamada de Nôseisha. Formada em fevereiro de 1931, Nôseisha era uma rede de anarco-comunistas que levou a descentralização aos seus

limites extremos. Nôseisha favoreceu a descentralização extrema na sua organização, não só porque isso prefigurava o tipo de anarquismo que desejava alcançar, mas também porque acreditava que isso reduziria a vulnerabilidade dos anarquistas à repressão estatal.

A expectativa era que, sem qualquer centro reconhecível para atacar, o Estado não saberia para onde dirigir os seus golpes. Nôseisha criticou aqueles anarquistas (Bakunin foi um caso citado) que consideraram suficiente substituir o sistema de controle de cima para baixo encontrado em organizações autoritárias por um sistema supostamente libertário, de baixo para cima. O que era necessário, argumentou Nôseisha, não era ter a base no controle do ápice, nem a periferia no controle do centro, mas uma forma organizacional que dispensasse totalmente os ápices ou centros.

Outra característica distintiva de Nôseisha era defender uma forma de "anarquismo prático" que poderia ser implementado imediatamente e que seria inteiramente baseado nas aldeias. No texto seminal *Apelo aos Agricultores*, escrito por Miyazaki Akira, os agricultores das suas aldeias foram instados a desligarem-se das cidades, a recusarem pagar impostos ou a reconhecerem o Estado de qualquer outra forma, e a mudarem imediatamente para um sistema comunista de produção e consumo. Nôseisha reconheceu que, pelo menos inicialmente, o resultado seria um comunismo baseado na pobreza partilhada, mas a sua convicção era que, mesmo nas fases iniciais da reconstrução social, as vantagens da solidariedade comunitária mais do que compensariam as dificuldades económicas.

Mesmo este breve relato das ideias de Nôseisha transmite a ideia de que, tanto na sua teoria como organizacionalmente, foi uma consequência da principal corrente do comunismo anarquista. Os membros de Nôseisha pegaram em alguns dos elementos que já estavam presentes na teoria e prática anarco-comunista e desenvolveram-nos ainda mais numa abordagem distinta à organização e atividade anarquista. Talvez fosse previsível que, dada a sua

ênfase na descentralização extrema, eles gradualmente questionassem a necessidade da sua própria existência organizada.

Ao tomarem a decisão de se dissolverem, foram sem dúvida influenciados pelo facto de a maioria dos seus membros em Tôkyô terem sido presos no início de 1932, na sequência de uma campanha de roubos para angariar fundos. Assim, foi em parte como um ato de autopreservação que Nôseisha foi dissolvida em Setembro de 1932. Isto não significa que os seus membros deixaram de ser anarco-comunistas ou que caíram na inatividade. Pelo contrário, a partir de então eles mergulharam no trabalho local, muitas vezes nas aldeias pobres dos distritos montanhosos, e mantiveram apenas contatos informais. Como veremos, no entanto, esta estratégia de dispersão não salvou os ex-membros de Nôseisha quando a repressão do Estado finalmente chegou.[43]

A terceira estratégia destinada a preservar o movimento anarquista face a um Estado que estava determinado a esmagá-lo foi a posta em prática pelo Partido Comunista Anarquista (Museifu Kyôsantô). Em muitos aspectos, esta estratégia foi precisamente o oposto daquela defendida por Nôseisha. Como o próprio nome sugere, o Partido Comunista Anarquista foi estabelecido em Janeiro de 1934 por um pequeno grupo de militantes que permaneceram empenhados em criar o tipo de sociedade comunista livre e sem Estado com a qual o termo comunismo anarquista sempre foi identificado.

No entanto, se os fins para os quais a luta foi dirigida permanecessem inalterados, os meios a utilizar seriam uma questão completamente diferente. No que diz respeito aos meios, aqueles que criaram o Partido Comunista Anarquista estavam determinados a usar métodos organizacionais bolcheviques para fins anarquistas! O Partido foi fundado como um grupo altamente secreto, cuja existência não foi proclamada abertamente e cuja adesão estava restrita a uma elite escolhida a dedo.

Uma das táticas frequentemente utilizadas pelo Partido Comunista Anarquista era manobrar os seus membros para posições-chave em

organizações maiores, que poderiam então ser manipuladas a partir de dentro. Por exemplo, ao aplicar essas táticas, o Partido assumiu em grande parte o jornal da Federação Libertária, que serviu como jornal de Zenkoku Jiren desde que foi lançado em setembro de 1928. Na verdade, membros do Partido Comunista Anarquista como Aizawa Hisao, que foi um dos membros do Partido Libertário Os editores do Jornal da Federação desempenharam um importante papel nos bastidores na concretização da reunificação de Zenkoku Jiren e Jikyô, uma vez que isso coincidiu com a promoção de uma frente unida pelo Partido.

Para os anarquistas, haverá poucas surpresas sobre o rumo que este flerte com os métodos bolcheviques levou. A atmosfera dentro do Partido Comunista Anarquista logo ficou impregnada da paranoia habitualmente encontrada nas organizações de vanguarda. Os receios de traição e de traição tornaram-se a ordem do dia e culminaram com um membro do Partido, chamado Futami Toshio, a disparar sobre outro, conhecido como Shibahara Junzô, devido a suspeitas de que este último era um espião da polícia. Após o assassinato de Shibahara em outubro de 1935, houve um assalto à mão armada mal sucedido no mês seguinte, no qual Futami, Aizawa e outro membro do Partido tentaram confiscar dinheiro de um banco. Tanto o assassinato como a tentativa de assalto a banco colocaram a polícia no encalço dos ativistas do Partido e, uma vez que Aizawa foi preso e torturado, detalhes da organização do Partido Comunista Anarquista foram revelados.[44]

Aqui, mais uma vez, estava uma dívida de Deus para um Estado que procurava estrangular totalmente o movimento anarquista. A polícia lançou a sua rede tão ampla quanto possível e cerca de 400 anarquistas foram levados sob custódia nos últimos meses de 1935. À medida que o nível de repressão aumentava, Zenkoku Jiren foi forçado a deixar de existir no início de 1936 e aquele reduto anarquista, o Tôkyô Sindicato dos Impressores, ficou paralisado quando cerca de cem de seus membros foram presos. A dizimação das fileiras anarquistas também não parou aí. À medida que mais e mais pessoas detidas

eram interrogadas, a polícia reuniu uma imagem cada vez mais precisa da rede Nôseisha, há muito dissolvida. Apesar do facto de Nôseisha ter cessado a atividade coordenada mais de três anos antes, em Setembro de 1932, outra onda de prisões, dirigidas aos seus ex-membros e não só, foi desencadeada em Maio de 1936. Desta vez, mais 300 anarquistas foram detidos.

Tal como no caso de Kôtoku e dos seus camaradas uma geração antes, apenas uma pequena proporção dos detidos acabou por ser levada a julgamento. Nesta ocasião, foi apenas o assassino de Shibahara, Futami Toshio, que foi condenado à morte e, como se viu, até a sua pena foi comutada para vinte anos de prisão. Outros membros proeminentes do Partido Comunista Anarquista e de Nôseisha receberam penas mais curtas do que Futami. Por exemplo, Aizawa Hisao, o principal organizador do Partido Comunista Anarquista, foi condenado a seis anos de prisão, enquanto Miyazaki Akira, o autor de Apelo aos Agricultores, e outros considerados "líderes" de Nôseisha receberam penas de até três anos.

Embora as punições individuais fossem menos draconianas do que na época de Kôtoku, a pressão exercida sobre o movimento anarquista em geral foi ainda pior do que durante o "período de inverno". A partir de 1936, a atividade organizada tornou-se literalmente impossível. Isto não significa que os anarquistas desapareceram do Japão depois dessa data. Obviamente, eles permaneceram presentes na sociedade japonesa durante os anos de guerra, mas não havia mais nenhuma maneira pela qual pudessem dar expressão organizada à sua existência. Para cada anarquista individual, a sobrevivência tornou-se agora a principal prioridade e a maioria não tinha alternativa senão manter-se discreto, manter os seus pensamentos para si e esperar...

A guerra em grande escala com a China a partir de 1937 fundiu-se na guerra com os EUA e os seus aliados depois de 1941 e, em última análise, levou ao bombardeamento massivo de Tóquio e de outras grandes cidades em 1945, para não mencionar os horrores finais de Hiroshima e Nagasaki. Mais de três milhões de japoneses morreram durante estes anos de massacre e nem é

preciso mencionar que as bombas e as balas não faziam distinção entre militaristas raivosos e aqueles que se opunham à guerra, como os anarquistas. Não foram poucos os anarquistas que desapareceram sem deixar vestígios, vítimas da blitz ou de algum outro desastre provocado pela guerra. Embora o Estado japonês tenha sido finalmente forçado a render-se em Agosto de 1945, o seu mecanismo de repressão permaneceu intacto até ao fim. Como resultado, quando a guerra finalmente chegou ao fim, os anarquistas tiveram que tentar reconstruir o seu movimento a partir do zero.

Capítulo 3

1945 até o presente

Nos anos do pós-guerra, o anarquismo existiu no Japão numa escala muito reduzida em comparação com períodos anteriores. Isto pode ser explicado pelas grandes mudanças que afetaram o Japão do pós-guerra e que privaram o anarquismo do apoio substancial que anteriormente atraiu dos arrendatários e dos trabalhadores sindicalizados. No entanto, o anarquismo sobreviveu, apesar das condições muitas vezes difíceis com que se deparou ao longo dos últimos cinquenta anos, e pode ser que os desenvolvimentos recentes estejam agora a produzir um conjunto de circunstâncias mais promissoras para os anarquistas trabalharem.

Entre 1945 e 1952, o Japão foi ocupado por uma força militar nominalmente "Aliada", mas na realidade americana. Uma das medidas mais importantes que a Sede da Ocupação impulsionou foi uma reforma agrária abrangente, que aboliu as antigas divisões entre proprietários e arrendatários e criou, em vez disso, uma nova classe de pequenos agricultores proprietários de terras. Estes agricultores tornaram-se então um bastião do conservadorismo político, usando os seus votos principalmente para apoiar o corrupto Partido Liberal Democrático (Jiyû Minshutô), que formou continuamente o governo

durante 38 longos anos, de 1955 a 1993. Em troca dos votos dos agricultores, o Partido Liberal O Partido Democrata mantém elevados os preços dos produtos agrícolas, atrás de barreiras comerciais que excluem produtos rivais do exterior. Desta forma, o preço do arroz japonês, por exemplo, tem sido mantido artificialmente num nível pelo menos seis vezes superior ao verificado no mercado mundial em geral.

Quanto ao movimento sindical, a Sede da Ocupação primeiro encorajou a formação de sindicatos, uma vez que a direita não reconstruída foi inicialmente vista como a maior ameaça aos interesses americanos, e depois agiu contra os sindicatos (e chegou a um acordo com a direita reabilitada) com o início da Guerra Fria. Um dos exemplos mais claros desta reversão da política americana foi que os chamados regulamentos de "expurgo", que a sede da ocupação usou pela primeira vez para remover direitistas de cargos públicos, foram posteriormente redirecionados contra a esquerda por volta de 1950, no que ficou conhecido como "purga vermelha".

Esta gangorra na política americana levou a uma situação em que a sociedade japonesa estava politicamente polarizada entre a direita e a esquerda, com os anarquistas sendo alvos de ambos os lados. Por um lado, mesmo sob as condições da tão apregoada "democracia", os anarquistas foram discriminados por causa da política de "anticomunismo" que tanto as autoridades de ocupação americanas como o governo japonês seguiram. Por exemplo, não foram poucos os anarquistas que foram vítimas da "expurga vermelha".[45] O facto de nem os Estados americanos nem os japoneses terem a menor ideia do que constituía o comunismo não tornou o seu "anticomunismo" menos repressivo. Por outro lado, nos sindicatos e noutros locais, os anarquistas foram frequentemente obstruídos e quase silenciados pelo controlo exercido por funcionários de tendência esquerdista, que muitas vezes usaram o confronto com o Estado e a mentalidade de cerco que ele induziu como desculpa para expulsar os críticos. Não foi que os anarquistas

desapareceram completamente dos sindicatos, mas sim que a possibilidade de agir abertamente como anarquistas praticamente desapareceu.

O maior problema de todos para os anarquistas tem sido o estado de espírito que prevaleceu entre a maioria dos trabalhadores, homens e mulheres. Nos anos que se seguiram à derrota, o desemprego em massa e a miséria estavam na ordem do dia e predominava a “política da fome”. Políticos ambiciosos faziam promessas ilusórias de tigelas de arroz cheias debaixo do nariz dos eleitores cuja credulidade era proporcional à sua privação. Depois, com a eclosão da Guerra da Coreia (1950-3), as circunstâncias económicas do Japão melhoraram dramaticamente. A guerra foi um bom negócio para a indústria japonesa, que começou a trabalhar a todo vapor para abastecer a máquina de guerra americana na adjacente Coreia (e mais tarde no Vietnã).

Além disso, após a tomada do poder pelo Partido Comunista na China em 1949, os EUA precisavam de uma vitrine na Ásia Oriental para demonstrar a superioridade do “capitalismo” sobre o “comunismo”. O Japão foi selecionado para desempenhar este papel e, tamanha era a importância estratégica do Japão para os EUA, que a América suportou as práticas comerciais discriminatórias do Japão sem muitas reclamações durante todo o tempo que durou a Guerra Fria.

No contexto deste trade-off entre estados capitalistas numa aliança (embora temporária), onde o Japão serviu os interesses estratégicos dos EUA e obteve vantagens económicas em troca, o capitalismo japonês desfrutou de condições de expansão durante muitos anos. Preocupados com a polarização esquerda-direita da política japonesa nos primeiros anos do pós-guerra, a partir da década de 1960 os líderes japoneses seguiram uma política consciente de despolitização da população, garantindo que as migalhas da festa do capitalismo caíssem nos pratos anteriormente quase vazios da força de trabalho nas fábricas e escritórios. O consumismo grosseiro foi promovido como uma nova religião e, enquanto houvesse restos e sobras da festa, teve o efeito desejado. Contudo, dada a pobreza qualitativa da vida das pessoas, o

espectro sempre assombrou o capitalismo japonês sobre o que aconteceria se a festa chegasse ao fim.

Obviamente, este esboço da história do pós-guerra do Japão foi escrito com o benefício da retrospectiva. Nada disto foi discernível para os anarquistas enquanto tentavam, a partir de 1945, reconstruir o seu movimento. A Federação Anarquista do Japão (Nihon Anakisuto Renmei) foi formada em meio a grande entusiasmo em maio de 1946 e foi tomado cuidado nessa fase para não permitir que o antigo antagonismo entre anarco-comunistas e anarquistas sindicalistas ressurgisse e comprometesse a eficácia da nova organização. Homens e mulheres mais velhos, que haviam pertencido a uma ou outra ala do movimento anarquista, agora cooperavam prontamente e se juntavam a camaradas mais jovens, para os quais as divisões anteriores à guerra significavam pouco. Por um tempo, tudo parecia possível.

O odiado estado militarista estava despedaçado, as forças policiais que sobreviveram careciam de confiança e estavam inseguras no novo clima “democrático”, e supervisionando tudo estava uma força de ocupação aparentemente benigna que inicialmente encorajou todas as expressões de oposição ao antigo regime. A Federação Anarquista lançou seu jornal em junho de 1946 e enfatizou suas ligações com as lutas do passado ao ressuscitar o antigo cabeçalho de Kôtoku, o Jornal do Povo Comum (Heimin Shinbun). Um enorme esforço foi feito para distribuir a revista em todo o país, com novos métodos de vendas (como anarquistas viajando de um lado para o outro na rede ferroviária para vendê-la em trens de longa distância) sendo usados para aumentar as vendas. No entanto, o fato de tais métodos terem de ser utilizados ilustrou até que ponto o anarquismo tinha perdido o que até então pareciam ser os seus "eleitos naturais" nas explorações agrícolas e nas fábricas.

À medida que a frustração aumentava devido à falta de progresso alcançado (resultado dos obstáculos descritos nos parágrafos acima), as antigas tensões entre anarquistas de diferentes convicções começaram a ressurgir. Em Maio de 1950, a Federação Anarquista realizou a sua quinta conferência em

Quioto e esta provou ser a ocasião em que o antagonismo entre os sindicalistas anarquistas e os anarco-comunistas ferveu mais uma vez.

No mesmo mês, um Grupo Anarco-sindicalista distinto (Anaruko Sanjikarisuto Gurupu) foi formado. Em outubro de 1950, a Federação Anarquista se dividiu e, na verdade, deixou de funcionar. É verdade que a Federação Anarquista foi reconstituída em Junho de 1951, mas a organização que continuou sob este nome era em grande parte composta por simpatizantes do sindicalismo. No mesmo mês, os anarco-comunistas criaram o Clube Anarquista do Japão (Nihon Anakisuto Kurabu), com o resultado de que o movimento anarquista japonês voltou mais uma vez à condição dividida em que se encontrava entre 1928 e 1934.[46] Em grande medida, esta foi uma repetição da história anterior e até mesmo algumas das principais figuras envolvidas eram as mesmas. Hatta Shûzô pode ter morrido em 1934, mas Iwasa Sakutarô ainda era a personalidade-chave do lado anarco-comunista, enquanto Ishikawa Sanshirô mais uma vez apoiou os sindicalistas anarquistas.

A Federação Anarquista tropeçava até 1968, mas reconheceu o inevitável em novembro daquele ano, quando decidiu "dissolver-se criativamente".[47] Embora durante muitos anos depois disso não houvesse nenhuma rede federada cobrindo todo o país alegando ser a Federação Anarquista, 1968 de forma alguma marcou o fim do anarquismo no Japão. Na verdade, o Clube Anarquista sobreviveu por muito tempo ao seu rival anarquista sindicalista e continuou a publicar o jornal Movimento Anarquista (Museifushugi Undô) até março de 1980. Além deste órgão, composto principalmente por antigos comunistas anarquistas dos dias pré-guerra, numerosos outros grupos e publicações anarquistas existiram a qualquer momento. Embora muitos tenham sobrevivido apenas alguns anos, ou mesmo alguns meses, foram continuamente substituídos por outros. Por outras palavras, a atividade editorial e de propaganda anarquista continuou inabalável, mesmo que numa escala limitada, e casos isolados de ação directa surgiram periodicamente.

Uma nova Federação Anarquista foi formada em outubro de 1988 e continuou a publicar seu jornal Free Will (Jiyû Ishi) até o presente. Embora esta nova Federação Anarquista tenha uma rede nacional de contatos, a escala do seu apoio é muito menor do que a sua homônima da década de 1940, e muito menos as federações pré-guerra, como Kokuren ou Zenkoku Jiren. O sindicalismo anarquista é representado pelo pequeno grupo denominado Movimento de Solidariedade dos Trabalhadores (Rôdôsha Rentai Undô), que existe em sua forma atual desde 1983. O Movimento de Solidariedade dos Trabalhadores é afiliado à IWA/AIT (a Internacional Sindicalista) e desde 1989 tem publicado a revista Comunismo Libertário (Zettai Jiyû Kyôsanshugi).

Quanto ao comunismo anarquista, a sua manifestação mais visível hoje é a pequena mas ativa editora chamada Black Battlefront Company (Kokushoku Sensen Sha), que está agrupada em torno do antigo militante Ôshima Eizaburô. Entre as publicações recentes do Black Battlefront, os vários volumes Materiais sobre o Incidente de Nôseisha (Nôson Seinen Sha Jiken Shiryô, 1991 em diante) refletem a crença de muitos anarquistas do pós-guerra de que há lições importantes a serem aprendidas com o estudo das teorias e práticas das gerações anteriores de anarquistas.

Um ponto que tem sido frequentemente levantado em relação ao anarquismo do pós-guerra é que, embora o movimento autoproclamado anarquista seja menor do que anteriormente, a organização e atividade inconscientemente “anarquista” têm sido perceptíveis entre vários grupos envolvidos na luta. Este argumento foi frequentemente ouvido no auge do movimento estudantil durante as décadas de 1960 e 1970 e, mais recentemente, afirmações semelhantes foram feitas em relação aos "movimentos de cidadãos" (campanhas populares, geralmente dirigidas a uma única questão).[48]

Aqueles que usaram este tipo de argumento apontaram principalmente para os métodos descentralizados de organização favorecidos pelos grupos em

questão e a sua ênfase na autonomia e (por vezes) na espontaneidade. No entanto, embora possa haver algo de “anarquista” nestes atributos, certamente é apropriado insistir que por si só eles ficam aquém do anarquismo. Embora os grupos de estudantes se opusessem ao estado existente, poucos duvidavam da necessidade de algum tipo de estado político. Quanto aos movimentos de cidadãos, a maioria centra-se num único problema, que procuram resolver isoladamente das "grandes questões", como a natureza do Estado, porque sentem (provavelmente com razão) que estas questões mais amplas os dividiriam. politicamente e, portanto, minam as suas campanhas. À luz disto, referir-se aos grupos de estudantes ou aos movimentos de cidadãos como “anarquistas” seria esticar o significado do termo muito além daquele empregado neste estudo.

O que é notável na atual conjuntura é que muitos dos fatores que atuaram em combinação para frustrar o anarquismo durante os anos do pós-guerra estão atualmente a ser minados. Como foi mencionado anteriormente, a partir de 1955 a política no Japão foi definida num molde de domínio perpétuo do Partido Liberal Democrata. O segundo maior partido político, o social-democrata Partido Socialista do Japão (Nihon Shakaitô), foi permanentemente excluído do poder e pôde assim envolver-se na política de posturas morais a partir do elevado afastamento da oposição.

Durante 38 anos, estes dois partidos foram, na verdade, as pedras fundamentais do sistema político moribundo. O Partido Liberal Democrata usou a sua posição no governo para distribuir os despojos que mantinham o status quo, enquanto o Partido Socialista Japonês, mais santo que tu, adotava posturas em prol daqueles que não conseguiram beneficiar da generosidade ou que a consideraram moralmente inaceitável. O sistema ruiu quando o Partido Liberal Democrata não conseguiu garantir a sua maioria habitual nas eleições gerais de 1993.

Depois, em 1994, o Partido Liberal Democrata viu a sua oportunidade de reentrar no governo, desde que lhe estava preparado para fazer causa

comum com o seu suposto arqui-inimigo, o Partido Socialista Japonês. Sem sequer corar, ambos os partidos apressaram-se a abraçar-se, de modo que, no momento em que este artigo foi escrito, havia um governo liderado pelo líder do Partido Socialista Japonês, com uma maioria de Ministros oriundos do Partido Liberal Democrata.

Escusado será dizer que, no seu entusiasmo pela conquista do poder, o Primeiro-Ministro Murayama não encontrou dificuldade em abraçar todas aquelas políticas capitalistas que eram supostamente inaceitáveis enquanto o Partido Socialista Japonês esteve na oposição. Todo este negócio sórdido tem sido uma lição prática sobre o oportunismo dos políticos e o disparate do treinamento de sombra parlamentar. Portanto, não é de admirar que o cinismo e a desilusão sejam agora as atitudes políticas predominantes entre a maioria dos homens e mulheres trabalhadores.

Associadas a estas peripécias políticas estiveram as mudanças na sorte econômica do Japão. A economia está atualmente a atravessar a recessão econômica mais longa e profunda desde a guerra. As migalhas da festa capitalista são decididamente escassas, tanto que em 1993 assistiu-se ao primeiro declínio nas taxas salariais médias desde 1950. Pressionado por estados capitalistas rivais (sobretudo, os EUA), o Japão está a ser forçado a abrir os seus mercados agrícolas, o que por sua vez, está a conduzir ao descontentamento político por parte dos agricultores.

Dada a posição do Japão como uma das forças econômicas mais poderosas dentro do capitalismo mundial, a sua importância como eixo do atual sistema internacional dificilmente pode ser exagerada. É por isso que não é de forma alguma insignificante, mesmo para aqueles de nós que vivem do outro lado do mundo, que as oportunidades para difundir ideias antiestatais e anticapitalistas no Japão são melhores agora do que têm sido há muito tempo. Se os anarquistas japoneses conseguirem enfrentar o desafio é algo que nos preocupa a todos.

Bibliografia selecionada

Akaba, Hajime, “Nômin no Fukuin” [The Farmers’ Gospel] in Meiji Bunka Shiryô Sôsho vol. 5 (Tôkyô: Kazama, 1960).

Anarkowic, Stefan, *Against the God Emperor: the Anarchist Treason Trials in Japan* (London: Kate Sharpley, 1994).

Beckmann, George & Ôkubo, Genji, *The Japanese Communist Party 1922–1945* (Stanford: University Press, 1969).

Borton, Hugh, *Japan’s Modern Century* (New York: Ronald, 1970).

Crump, John, *The Origins of Socialist Thought in Japan* (Beckenham: Croom Helm, 1983).

Crump, John, Hatta Shûzô and Pure Anarchism in Interwar Japan (Basingstoke: Macmillan, 1993).

Hagiwara, Shintarô, *Nihon Anakizumu Rôdô Undô Shi* [History of the Japanese Anarchist Labour Movement] (Tôkyô: Gendai Shichô, 1969).

Hatta, Shûzô, *Zenshû Museifukyôsanshugi* [Collected Works: Anarchist Communism] (Tôkyô: Kokushoku Sensen, 1981).

Hatta, Shûzô, *Zenshû Museifukyôsanshugi* [Collected Works: Anarchist Communism] (Tôkyô: Kokushoku Sensen, 1983).

Hikari [Light] (Tôkyô: Meiji Bunken Shiryô Kankô Kai, 1960).

Jiyû Rengô/Jiyû Rengô Shinbun [Libertarian Federation/Libertarian Federation Newspaper] (Tôkyô: Kaien, 1975).

Kokushoku Seinen [Black Youth] (Isezaki: Kokushoku Sensen, 1975).

Kropotkin, Peter, *The Conquest of Bread* (New York: University Press, 1972).

Libertaire Group, *A Short History of the Anarchist Movement in Japan* (Tôkyô: Idea, 1979).

Mihara, Yôko, “On the Present Situation of Anarchism in Japan”, *Anarchist Studies I* (1993).

Nikkan Heimin Shinbun [Daily Common People’s Newspaper] (Tôkyô: Meiji Bunken Shiryô Kankô Kai, 1960–3).

Notehelfer, F, *Kôtoku Shûsui: Portrait of a Japanese Radical* (Cambridge: University Press, 1971).

Rôdô Undô [Labour Movement] (Isezaki: Kokushoku Sensen, 1973).

Shakai Shinbun [Social News] (Tôkyô: Meiji Bunken Shiryô Kankô Kai, 1960–3).

Shakaishugi Kenkyû [Socialist Studies] (Tôkyô: 1920 onwards).

Shiota, Shôbee (ed), Kôtoku Shûsui no Nikki to Shokan [The Diaries and Letters of Kôtoku Shûsui] (Tôkyô: Mirai, 1965).

Stanley, Thomas, Ôsugi Sakae: Anarchist in Taishô Japan (Cambridge, Mass: Harvard, 1982).

Suzuki, Mosaburô, Zaibei Shakaishugisha Museifushugisha Enkaku [History of the Socialists and Anarchists Resident in America] (Tôkyô: Shakai Bunko, 1964).

Tsuzuki, Chûshichi, “Anarchism in Japan” in D Apter & J Joll, *Anarchism Today* (Basingstoke)

Notas

[1] Borton (1970) pág. 205.

[2] Veja Notehelper (1971)

[3] Shiota (1965) pág. 433.

[4] *Ibid.*, pág. 434. (O inglês incorreto de Kôtoku nesta carta a um anarquista americano foi corrigido sem alterar seu significado.)

[5] Hikari (20 de janeiro de 1906) p. 6.

[6] Suzuki (1964) pág. 467.

[7] *Ibid.*, pág. 478.

[8] Suplemento para Suzuki (1964).

[9] Hikari (5 de julho de 1906) p. 1.

[10] Nikkan Heimin Shinbun (5 de fevereiro de 1907) p. 1. (Uma tradução completa deste artigo aparece em Crump [1983] pp. 341–51.)

[11] Shakai Shinbun (15 de setembro de 1907) p. 1.

[12] Hikari (5 de março de 1906) p. 6.

[13] Shiota (1965) pág. 441.

[14] Crump (1983) pp. 250 ss.

[15] Áqaba (1960) p. 294.

[16] Crump (1983) pp. 158–67.

- [17] Notehelfer (1971) pp. 163ss; Crump (1983) pp. 301ss; Anarkowicz (1994).
[18] Shakaishugi Kenkyû (outubro de 1921) p. 12.
[19] Rôdô Undô (1 de novembro de 1922) p. 2.
[20] Beckmann & Ôkubo (1969) pp. 8–78.
[21] Stanley (1982) pp. 127ss.
[22] Rôdô Undô (1º de janeiro de 1923) p. 9.
[23] Ver nota 19.
[24] Stanley (1982) pp. 155ss.
[25] Crump (1993) pp. 69 e seguintes.
[26] Ibid., pág. 77.
[27] Ver ibid.
[28] Hatta (1981) pág. 309
[29] Hatta (1983) pp. 14–15.
[30] Crump (1993) pp. 111–13.
[31] Hatta (1983) pág. 29.
[32] Kropotkin (1972) pág. 191.
[33] Crump (1993) pp. 137ss.
[34] Jiyû Rengô (5 de dezembro de 1926) p. 3.
[35] Kokushoku Seinen (10 de dezembro de 1929) p. 1.
[36] Crump (1993) pp. 83–6.
[37] Jiyû Rengô (10 de janeiro de 1928) p. 1 (em japonês).
[38] Kokushoku Seinen (5 de fevereiro de 1928) p. 8.
[39] Crump (1993) pág. 88.
[40] Ibid., pp. 87 e seguintes.
[41] Jiyû Rengô Shinbun (10 de novembro de 1931) p. 4.
[42] Crump (1993) pp. 160–72.
[43] Ibid., pp. 172–80.
[44] Ibid., pp. 180–6.
[45] Hagiwara (1969) pp. 192, 226.
[46] Ibid., pp. 227–8; Grupo Libertaire (1979) p. 27.
[47] Hagiwara (1969) pág. 228.
[48] Tsuzuki (1971) pp. 105–6; Mihara (1993) pp. 135–7.